



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

LEONARDO PIMENTA OLIVEIRA

**O QUE PODE SER O JORNALISMO: UMA TRAJETÓRIA  
AUTORREFLEXIVA**

---

Londrina  
2025

LEONARDO PIMENTA OLIVEIRA

**O QUE PODE SER O JORNALISMO: UMA TRAJETÓRIA  
AUTORREFLEXIVA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Universidade Estadual de Londrina - UEL, como  
requisito parcial para a obtenção do título de  
Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Doutor Reginaldo Moreira

Londrina  
2025

Oliveira, Leonardo Pimenta Oliveira. O QUE PODE SER O JORNALISMO: UMA TRAJETÓRIA AUTORREFLEXIVA / Leonardo Pimenta Oliveira Oliveira - Londrina, 2025. 56 f.

Orientador: REGINALDO MOREIRA. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Educação Comunicação e Artes, Graduação em Jornalismo, 2025. Inclui bibliografia.

1. EPISTEMOLOGIA - TCC. 2. JORNALISMO - TCC. I. MOREIRA, REGINALDO. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Educação Comunicação e Artes. Graduação em Jornalismo. III. Título.

CDU 070

LEONARDO PIMENTA OLIVEIRA

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Universidade Estadual de  
Londrina - UEL, como requisito parcial para a  
obtenção do título de Bacharel em  
Jornalismo.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Doutor Reginaldo Moreira  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Profa. Doutora Márcia Neme Buzalaf  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Prof. Doutor Renato Forin Junior  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Londrina, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_.

Para Patrícia, Luiza e Victor

Quando nossa experiência vivida da teorização  
está fundamentalmente ligada a processos de  
autorrecuperação, não existe brecha entre  
teoria e prática.

bell hooks

## RESUMO

OLIVEIRA, Leonardo Pimenta. **O que pode ser o jornalismo: uma trajetória autorreflexiva**. 2025. 56. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Centro de Educação, Comunicação e Artes, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2025.

Este ensaio acadêmico tem por objetivo propor reflexões no campo da epistemologia do Jornalismo, na sua modalidade investigativa, em Direitos Humanos, no contexto brasileiro e latino-americano. Em primeira pessoa, o autor elabora conceitos da teoria feminista e do pensamento decolonial para interpretar fatos e problematizar circunstâncias da vida acadêmica, que vai da graduação em Direito ao Jornalismo na Universidade Estadual de Londrina, passando por experiências multidisciplinares nas Universidades de Salamanca e da República do Uruguai. O texto é conduzido de modo a valorizar estrategicamente a abstração teórica livre, que pretenda a produção do conhecimento e, por esse motivo, o universo complexo da experiência – da prática – é reconhecido como parte constitutiva do processo.

**Palavras-chave:** jornalismo; epistemologia; decolonial; feminista; latino-americano.

## ABSTRACT

OLIVEIRA, Leonardo Pimenta. **O que pode ser o jornalismo: uma trajetória autorreflexiva**. 2025. 56. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Centro de Educação, Comunicação e Artes, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2025.

This academic essay aims to propose reflections on the field of Journalism epistemology, in its investigative form, in Human Rights, in the Brazilian and Latin American context. In the first person, the author elaborates concepts of feminist theory and decolonial thought to interpret facts and problematize circumstances of academic life, which ranges from undergraduate studies in Law to Journalism, at the State University of Londrina, through multidisciplinary experiences at the Universities of Salamanca and the Republic of Uruguay. The text is conducted in a way that strategically values free theoretical abstraction that aims at the production of knowledge and, for this reason, the complex universe of experience – of practice – is recognized as a constitutive part of the process.

**Key-words:** journalism; epistemology; decolonial; feminist; Latin American.

## SUMÁRIO

1	PREFÁCIO.....	14
2	I. ....	18
	REFERÊNCIAS.....	54

Era uma segunda-feira escura, fria e úmida do outono de 2024, em Montevideu, quando o professor Nicolás Guigou projetou aos poucos alunos da sala 408 da San Salvador o vídeo da conferência que Walter Mignolo havia ministrado naquela instituição, no ano de 2014. Começava o módulo Comunicação e Decolonialidade, o último do curso Ontologias da Comunicação Contemporânea.

Eu só estava ali porque recebera uma bolsa de estudos do programa “*UEL mais internacional*”. Das duas bolsas dedicadas à integração regional latino-americana, apenas dois – dos mais de doze mil – estudantes da Universidade tinham se candidatado: uma colega de Arquivologia e eu. Na Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade da República do Uruguai, fiz o primeiro semestre de 2024 do meu curso de Jornalismo, como aluno em mobilidade acadêmica.

Até aquela manhã, eu nunca tinha ouvido falar de Walter Mignolo, embora a palavra decolonialidade já tivesse aparecido nas aulas de Comunicação Popular e Comunitária do professor Régis Moreira, nas de Radiowebjornalismo da professora Márcia Buzalaf, ou em eventos acadêmicos como o *Encontro de Orientalismos e Colonialismos na Comunicação e no Audiovisual (OCCA)*<sup>1</sup> e naqueles promovidos pelos grupos de pesquisa e extensão *Entretons*<sup>2</sup> e *Decolonialidade na Comunicação (DECO)*<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> O OCCA promove pesquisas decoloniais no âmbito da Comunicação, articulando perspectivas interseccionais de produção de conhecimentos social e academicamente inviabilizados. Foi o evento que inaugurou o ano letivo do programa de Mestrado em Comunicação (PósCom) da Universidade Estadual de Londrina, em 2022 e 2024.

<sup>2</sup> *Entretons* é um projeto de pesquisa e extensão da Universidade Estadual de Londrina que reúne um grupo focado na análise crítica – através de referenciais prático-teóricos de viés feminista, *queer*, decolonial, antirracista, anticapacitista, antietarista, antigordofobia etc. – dos desdobramentos do sistema sexo-gênero nos modos de subjetivação dos sujeitos, a nível individual e coletivo. O grupo promove ações que privilegiam narrativas contra hegemônicas que tensionam, sobretudo, racionalidades euro e heterocentradas.

<sup>3</sup> *DECO* é um projeto de pesquisa da Universidade Estadual de Londrina que investiga as decolonialidades nos processos de comunicação, com ênfase no estudo da presença e circulação de representações plurais de pessoas diversas, sobretudo de minorias políticas e comunidades subalternizadas. Promove pesquisas interseccionais – a partir dos afetos e dos saberes ancestrais, das

Eu sabia, portanto, o que era decolonialidade, mas a definição deste conceito ainda não tinha me revelado algo.

A conferência de Mignolo está publicada no *Youtube*<sup>4</sup> há mais de dez anos. É curta, tem pouco mais de 30 minutos, e é preciso se esforçar para ouvi-lo, dado o amadorismo da gravação. Eu não precisava ter ido ao Uruguai para conhecê-la. Não é um material que pertence ao professor Guigou. Tudo o que ele fez foi dar o *play*. E isso bastou para que este ensaio nascesse.

Meu fascínio pelo Jornalismo começou no ano de 2013, lendo as colunas de Eliane Brum<sup>5</sup> no site *El País* Brasil, periódico digital que encerrou suas atividades em dezembro de 2021. Eu tinha 17 anos e era um estudante pré-vestibular. Eu escolheria o Direito como pontapé inicial à Universidade Pública, o que não quer dizer que o campo da Comunicação fosse menos relevante para quem eu era e queria me tornar.

Mas o que quero dizer é que me importava o lugar do qual Brum reportava a realidade que cobria. Seu jeito de fazer Jornalismo sempre me parecia exigir uma amarração conceitual específica caso meu objetivo fosse defendê-lo como método do qual, um dia, eu pudesse me valer. A resposta óbvia, que resume sua técnica e precisão jornalística no fato de ser talentosa, não resolvia meu problema fundamental: como eu, sendo eu mesmo e, portanto, desprovido do exato talento de qualquer outra pessoa do mundo – fato da vida que nos obriga à autenticidade – poderia assumir a pretensão de realizar um jornalismo investigativo de registro e incisão na realidade, sem excluir complexidades, nem mesmo a própria presença diante dos acontecimentos, da forma como Brum parecia, mais do que me inspirar, me convocar a fazer?

Sem a resposta, me dediquei dos anos 2014 a 2018 a uma formação jurídica na mesma Universidade em que agora concluo a graduação de Jornalismo. Foi aqui que meu interesse pelo tema dos Direitos Humanos foi, em alguma medida, forjado.

---

ruas e dos movimentos de resistência e desobediência – nos campos das sexualidades, gêneros, raças, etnias, capacidades, territorialidades geopolíticas e corporalidades dissidentes.

<sup>4</sup> MIGNOLO, Walter. **El concepto de (de)colonialidad y América Latina**. Disponível em: <<https://youtu.be/57ts9QsF9hA>> Acesso em: 01 fev. 2025.

<sup>5</sup> Eliane Brum nasceu em Ijuí, Rio Grande do Sul, em 1966. Escritora, jornalista e documentarista, publicou oito livros no Brasil e no exterior. Em 2020, foi reconhecida como a repórter mais premiada da história do país, e em 2021 sua obra jornalística foi contemplada com o prêmio Maria Moors Cabot, o mais importante das Américas e o mais antigo do mundo. Colunista do espanhol *El País*, é colaboradora de diversos jornais e revistas da Europa e dos Estados Unidos. Em 2025, foi eleita a pensadora do ano pela revista britânica *Prospect*.

Digo em alguma medida, porque o tema ainda é marginal no projeto pedagógico positivista e conservador, que insiste em ser o fio condutor do estudo do Direito no Brasil.

Mas foi em 2016 que um outro momento também anunciou a escritura deste ensaio. Dentro do edifício moderno e brioso da Faculdade de Direito, em uma esquina do Campus Miguel de Unamuno, da quase milenar Universidade de Salamanca, o professor e catedrático, Manuel Alcántara Sáez, me contou o que significava ser latino-americano. A estratégia didática do acadêmico espanhol para me fazer entender o que é “ser” latino-americano foi a de excluir da ementa de seu curso, Sistemas Políticos da América Latina, qualquer menção aos séculos de exploração e violência colonial.

Quando esse fato se consolidou diante de mim, dentro daquela sala de aula cheia de uma dezena de jovens latino-americanos estridentes e espanhóis desinteressantes, concentrados em seus *MacBooks* apoiados com desdém sobre mesas estreitas, uma atrás da outra, que cruzavam horizontalmente a sala de ponta a ponta, encontrei um novo estado de sensibilidade.

Eu tinha 20 anos e nunca havia estado em uma aula – escolar ou universitária – em que América Latina fosse o objeto da análise. Eu nunca havia visto o Brasil ser descrito por metodologia comparada aos seus países vizinhos.

Aquele homem circunscreveu o território do qual eu havia saído temporariamente e passou um semestre nomeando a cultura política, país a país, através de números. Todas as informações que não deduzimos de nossa própria condição política estruturante, que geram os índices capazes de fundamentar ações internas, aquele cientista político tinha em suas mãos. Ele havia trabalhado, pessoalmente, na produção daqueles dados, que depois se transformavam em *rankings* que diziam ao mundo, sempre de forma atualizada, a qualidade de nossas democracias. Ele se julgava, portanto, capaz de dizer qual era a melhor e qual era a pior e explicar detalhadamente os motivos. O Brasil, envolto no processo que culminou no impeachment de Dilma Rousseff, afastada em agosto de 2016, não posava entre as melhores.

Aprendi muito com Alcántara Sáez. Ele me falou da América do Sul como ninguém antes havia me dito. Compartilhou os bastidores das conversas com parlamentares de toda a região e de sua dificuldade de encontrar valores democráticos substanciais no comportamento geral do parlamentar brasileiro. As

conversas que havia travado no Brasil não eram animadoras para ele, que defendia a democracia liberal e admirava a história do ex-presidente Lula e do cubano Fidel Castro.

A certa altura, ele atestou com alguma ousadia e espírito crítico, que a República do Uruguai era uma democracia mais sólida e mais qualificada que muitas das europeias. Narrou com entusiasmo conversas que havia tido com parlamentares uruguaios. Tudo que ele não encontrava no parlamentar brasileiro, ele parecia ver no uruguaio. Ele considerava que pelo menos melhor que a espanhola, certamente a democracia uruguaia era. Foram as palavras do professor Alcántara que me carregaram até Montevideu, de onde retornei, em julho de 2024, à Londrina.

Mas venho mesmo é de uma pequena cidade católica do interior de Minas Gerais, de nome Cássia. Lá eu estudei o solfejo de Alexis de Garaudé e cantei o canto gregoriano. Tomei a comunhão e inventei um pecado na confissão. Fui um soprano digno, um baixo medíocre e um desastre na flauta doce, no saxofone, no clarinete e no violino. Conheci Voltaire e Nietzsche. Escrevi pela primeira vez; e rasguei tudo.

Meus avós paternos e maternos viveram do e no campo. Subsistentes e disfuncionais. Meu avô materno nunca foi à escola; mas sua filha, minha mãe, a primeira da família na Faculdade.

Na banda de meu pai, algum conforto a mais: meu avô tinha um *jipe*, na cidade movida a carro de boi. Mas foi minha irmã mais velha a primeira a pontuar na Universidade. Meu pai, o mais estudado dos irmãos, não terminou o ensino médio.

O pai de minha mãe sempre caminhou muito bem no escuro, com sua lanterna amarelada, mas nunca enxergou seu cabelo crespo e o tom escuro de sua pele; dizia que era exposição diária ao sol. Portanto, éramos todos brancos brasileiros, até a chegada recente de meus sobrinhos.

Nesta corrida, meu lugar no pódio é de primeiro *gay* publicamente reconhecido. O tio *gay* que mora longe, cada vez mais longe. É que muito cedo, uma mulher, professora, abriu o *mapa-múndi* na minha frente e disse, com a certeza de um diabo, que ninguém está obrigado a escolher a cidade natal. Então eu observei tudo. E fiz desse meu segredo. Aos 17 anos escapei e nunca mais voltei.

Este ensaio acadêmico é conduzido estrategicamente por histórias que vivi no contexto das reflexões que proponho. Me interessa a abstração teórica livre que pretenda a produção do conhecimento e, por esse motivo, o universo complexo da experiência – da prática – é parte constitutiva do processo.

## I.

O terceiro mandato do presidente Luís Inácio Lula da Silva não tinha alcançado o fim do primeiro mês. Doze dias antes, o Congresso Nacional, o Palácio do Planalto e o Supremo Tribunal Federal haviam sido invadidos – e gravemente depredados – por apoiadores do extremista de direita Jair Bolsonaro<sup>6</sup>, derrotado em sua tentativa de reeleição por pouco mais de 2 milhões de votos<sup>7</sup>, em outubro de 2022.

Os edifícios da Praça dos Três Poderes ainda estavam em frangalhos quando o presidente Lula caminhou, do Planalto ao Supremo, na companhia massiva de Governadores de Estado e de mãos dadas com os ministros do STF, para declarar à imprensa: *“O que eles querem é golpe, e golpe não vai ter.”*<sup>8</sup>

Em Brasília, o governo tentava reconstruir os gabinetes e inventariar os prejuízos enquanto trabalhava em escritórios improvisados. Se o golpe parecia bloqueado, os efeitos nefastos da presidência de Jair Bolsonaro perseveravam. E o primeiro recado veio do Centro do Mundo:

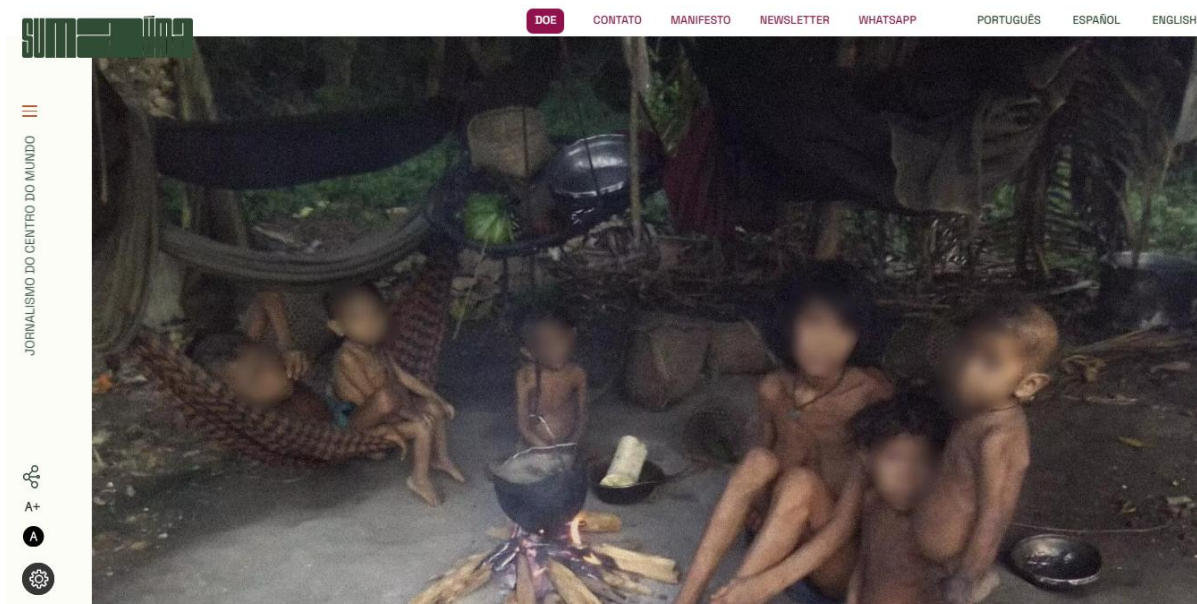
fotografias recentes recebidas por SUMAÚMA mostram: corpos de crianças e velhos, com peles que recobrem apenas os ossos, tão fragilizados que mal parecem se equilibrar. Costelas que parecem perfurar os corpos minúsculos contrastam com barrigas enormes, povoadas por vermes. Dados obtidos por SUMAÚMA apontam que, nos 4 anos de governo de Jair Bolsonaro (2019-2022), 570 crianças com menos de 5 anos morreram no território Yanomami pelo que as estatísticas chamam de “mortes evitáveis”.<sup>9</sup>

<sup>6</sup> JORNAL NACIONAL. **No 8 de janeiro, golpistas invadiram e depredaram as sedes dos Três Poderes em Brasília.** 08 jan. 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2024/01/08/no-8-de-janeiro-golpistas-invadiram-e-depredaram-as-sedes-dos-tres-poderes-em-brasilia.ghtml>>. Acesso em: 01 fev. 2025.

<sup>7</sup> UOL. **Diferença de 2 milhões de votos: as eleições presidenciais mais apertadas.** 30 out. 2022. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/10/30/lula-x-bolsonaro-bate-dilma-x-aecio-e-tem-menor-diferenca-de-votos-compare.htm>> Acesso em: 01 fev. 2025.

<sup>8</sup> G1. **Após reunião, Lula caminha com governadores e ministros até o Supremo Tribunal Federal.** 09 jan. 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/01/09/apos-reuniao-lula-e-governadores-fazem-caminhada-simbolica-ao-stf.ghtml>> Acesso em: 01 fev. 2025.

<sup>9</sup> MACHADO, Ana Maria; BEDINELLI, Talita; BRUM, Eliane. **‘Não estamos conseguindo contar os corpos’.** SUMAÚMA, 20 jan. 2023. Diário de Guerra – Genocídio Yanomami. Disponível em: <<https://sumauma.com/nao-estamos-consequindo-contar-os-corpos/>>. Acesso em: 01 fev. 2025.



Na madrugada de 20 de janeiro de 2023, quando foi publicada a reportagem *‘Não estamos conseguindo contar os corpos’*<sup>10</sup>, denunciando, com exclusividade, o genocídio da população Yanomami por negligência do governo Bolsonaro, havia pouco mais de quatro meses da publicação do manifesto *SUMAÚMA: Jornalismo do Centro do Mundo*<sup>11</sup>, que marcou a estreia da plataforma de Jornalismo, sediada em Altamira, no médio Xingú, no Pará.

Neste primeiro ato, a plataforma publicou as balizas que direcionariam o trabalho da redação, na tarefa jornalístico-investigativa de circunscrever e narrar os acontecimentos da vida social e política. Conhecer este documento é importante, porque além de explicar a si mesma, SUMAÚMA nos ensina a fazer Jornalismo.

Vejo nas entrelinhas como as naturezas *autoconfirmativa* e *autorrealizadora* do texto e do discurso informativo parecem dadas por quem o escreve.

O discurso midiático não é meramente informativo, mas também autoconfirmativo, o que leva à hipótese de uma circularidade: a representação dos fatos, por mais veraz que seja, põe em jogo crenças ou pressupostos tendentes a validar essa mesma veracidade. Não é nenhuma novidade a hipótese de que a atividade de produzir enunciados informativos na esfera pública (o jornalismo) modifica o objeto da informação, ou seja, o fato. O discurso da informação é, em consequência, operativo e performativo, ocasionando uma circularidade: a enunciação faz o que o enunciado diz. Neste caso,

<sup>10</sup> *Ibid.*

<sup>11</sup> SUMAÚMA. **SUMAÚMA: jornalismo do centro do mundo**. 13 set. 2022. Manifesto. Disponível em: <<https://sumauma.com/quem-somos/>> Acesso em: 01 jan. 2025.

verifica-se a profecia autorrealizadora, ou seja, uma suposição ou predição que, só pela única razão de ter sido feita, converte em realidade o fato suposto, esperado ou profetizado e, desta maneira, confirma a sua própria “objetividade”.<sup>12</sup>

Mas também vejo, no processo de tentar decupar teoricamente um produto jornalístico, como falta à formação acadêmica do jornalista a construção de uma caixa de ferramentas consistente, carregada de métodos hermenêuticos, capaz de auxiliar o sujeito que investiga, a enxergar o que está nos vãos do texto e do discurso produzido por ele mesmo; e a tomar consciência das camadas do real, para entender como esse texto pode agir dentro das relações de poder estabelecidas num dado lugar e momento civilizatório.

Talvez seja exatamente por este motivo essa minha ânsia de tentar identificar na prática jornalística as ideias produzidas pelo pensamento acadêmico. O trabalho de costurar a prática na teoria, uma sobre a outra, enfrentando o desafio da concomitância e da sobreposição, até que se tornem uma coisa só. Para pensar o Jornalismo não como profissão passível de obsolescência, mas como tecnologia de comunicação em mutação, como cola social, como plataforma de interação com a realidade, como técnica de escuta, de contação de histórias e elaboração da verdade, como registro de memória comunitária, como diálogo coletivo, como pedagogia política.

\* \* \*

Na primeira aula de Literatura do ensino médio, minha professora se dedicou exclusivamente a perguntar: *O que é Literatura?* A imagem dessa frase escrita a giz branco por Cristina – que nunca usava *jeans* e jamais abandonou o esmalte rosê –, no alto do quadro verde, é uma recordação carinhosa dessa minha danação por compreender o *é* das coisas que *são*. O objetivo, você pode imaginar, não era o de cravar uma definição irrefutável do que faz a Literatura ser Literatura, mas de observar a questão, contemplar a escrita em letra cursiva, isolada no quadro, sem se deixar seduzir por sua imprecisão, até traçar um caminho que encontra uma conclusão provisória.

---

<sup>12</sup> SODRÉ, Muniz. **A crise moral da notícia**. Observatório da Imprensa, 2012. Disponível em: <[https://www.observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/a\\_crise\\_moral\\_da\\_noticia/](https://www.observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/a_crise_moral_da_noticia/)>. Acesso em: 01 fev. 2025.

Já na faculdade de Direito, a pergunta era: *O que é Direito?* Havia um curso dedicado a pensar o *é* do Direito: a Teoria Geral do Direito. Com a professora Aurora Tomazini e seu mentor Paulo de Barros Carvalho, segui pela abordagem do Construtivismo Lógico-Semântico – método muito conectado à Teoria Comunicacional do Direito – que se orienta por uma perspectiva semiótica, partindo do pressuposto de que a linguagem é constitutiva da realidade e, conseqüentemente, do Direito<sup>13</sup>. Como ciência aplicada, o Direito tem a ambição de produzir definições rígidas e fundamentadas, capazes de legitimar com precisão o poder coercitivo atribuído à lei; circunstância totalmente diferente da proposta pedagógica libertária da aula de Literatura do ensino médio.

Mas a queda livre veio cursando Jornalismo.

Não encontrei, na instituição para qual apresento este trabalho, uma reflexão acadêmica qualificada a respeito do *é* do Jornalismo. Nos anos de graduação, *O que é Jornalismo?* nunca foi posto como uma questão relevante. Se, de um lado, profissionais de carreira, concursados e com dedicação exclusiva, publicam como estudiosos da Comunicação Social; de outro, temporários – contratados de forma precarizada pelo Estado do Paraná – encampam boa parte de aulas práticas que não tocam reflexões sobre o ato de produzir e publicar Jornalismo, militando, não raramente, pela supremacia da técnica sobre a reflexividade; a supremacia da forma sobre o conteúdo; a supremacia dos interesses do mercado de trabalho local sobre o saber produzido na Universidade Pública.

Há, na Universidade Estadual de Londrina, uma cisão estrutural formal e cognitiva anacrônica no Departamento de Comunicação: a arquitetura que isola, em lados opostos, Teoria da Comunicação e Jornalismo; binarismo que revela um caráter conservador e teimoso diante de um mundo acadêmico que caminha veloz e vitoriosamente à produção de um conhecimento multidisciplinar, que não resiste à incorporação de variáveis e complexidades.

O resultado é o empobrecimento intelectual da Instituição, a queda do prestígio do corpo acadêmico como uma coletividade política predestinada a trabalhar pela concretização da função social, de pretensão democrática, da Universidade Pública.

Mas o espaço acadêmico também pode saer definido por seus circuitos de

---

<sup>13</sup> CARVALHO, Aurora Tomazini; CARVALHO, Paulo de Barros. **Constructivismo Lógico-Semântico - Vol. I.** São Paulo, Editora Noeses, 2014. p. 6.

afetos que conduzem conflitos ininterruptos gerados pelo poder que nele circula.

Se há hegemonia de determinados paradigmas pedagógicos sobre outros, o preconceito de classe, o machismo, a homofobia e o racismo que, embora ocultados nas declarações oficiais, empurram epistemologias a espaços marginais – quando são centrais em universidades mundo afora, onde novas linguagens de poder crescem com mais liberdade – Foucault nos recorda que “*onde há poder há resistência*”.<sup>14</sup>

É, pois, deste lado da resistência – o da marginalidade crítica – que ecoa minha voz de aluno, pelas passagens abertas por iniciativas como o OCCA, o grupo *Entretons* e o DECO, guardados por pesquisadores como Regis Moreira, Márcia Buzalaf e Mônica Kaseker.

Foi, portanto, questionando este quadro de deficiências no ensino, na aprendizagem e na pesquisa em Jornalismo que encontrei a proposição de Fabiana Moares:

(...) apesar dos caminhos percorridos por tantas excelentes pesquisas e análises que me antecederam (...), apesar das tantas e tantos jornalistas que lutam diariamente para produzir matérias e reportagens fora de critérios redutores, ainda há um vácuo prático-epistemológico no jornalismo brasileiro.<sup>15</sup>

Para explicar como cheguei a esta resposta, vale contar meu primeiro encontro com Moraes, jornalista e pesquisadora na Universidade Federal de Pernambuco.

Na manhã do dia 30 de junho de 2023, eu estava no campus Álvaro Alvim, dentro do edifício da Escola Superior de Propaganda e Marketing, na Vila Mariana, em São Paulo, para uma palestra que integrava a programação da 18ª Edição do Congresso Internacional de Jornalismo Investigativo, promovido pela Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo, a Abraji.

Desde que entrei no curso de Jornalismo, a semana do ano em que deixo

---

<sup>14</sup> FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 17ª ed. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988, p. 105.

<sup>15</sup> MORAES, Fabiana. **A pauta é uma arma de combate: subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza**, Porto Alegre, Arquipélago editorial, 2022, p. 24.

Londrina e vou à São Paulo para o Congresso da Abraji pontua, para mim mesmo, que a ausência de interesse da minha comunidade acadêmica por uma reflexão autêntica e contemporânea sobre o Jornalismo Brasileiro, de uma perspectiva Latino-americana, não me impede de engajar, do meu jeito – e apesar dos meus limites –, em uma formação holística, que me ajude não só a compreender racionalmente o mundo, mas a viver nele; a empreender novos hábitos de ser<sup>16</sup> e de fazer que me auxiliem no desafio pessoal de recusar, de maneira radical, a burocratizar-me mentalmente<sup>17</sup>.

Mas naquele dia, naquela sala de aula confortável, daquela Faculdade de Jornalismo, que é uma das mais caras do país (onde a mensalidade é próxima dos seis mil reais, valor que supera a soma de quatro salários-mínimos), um punhado de jovens estudantes ouviam atentos a três profissionais experientes, na palestra que levava o título: *como montar uma equipe de investigação e começar a trabalhar nessa área*.

No principal congresso de Jornalismo Investigativo do Brasil, evidentemente, não faltam aspirantes curiosos, de ouvidos e mentes abertas, concentrados na busca por um caminho que os leve ao privilégio de investigar com excelência. Como é uma atividade dispendiosa e pouco valorizada pela elite econômica que mantém os grandes veículos tradicionais de comunicação, o Jornalismo Investigativo não tem lugar cativo nas redações brasileiras que, na sua maioria, estão focadas em um Jornalismo de natureza declaratória. Se as oportunidades de investigar com independência, tempo e precisão são escassas no mercado de trabalho, é natural que estudantes que desejam alcançar estes postos estejam sempre ansiosos quanto ao futuro profissional. Era essa a realidade que eu via, através dos gestos aflitos dos congressistas, reagindo ao debate. O medo dos jornalistas de nunca conseguir um lugar que os possibilite trabalhar em investigações jornalísticas de profundidade nem sempre é verbalizado, o que não quer dizer que este medo não esteja por todos os lados.

Foi então neste contexto que uma das jornalistas que guiavam o encontro enumerou *dicas* que ela julgava fundamentais para o êxito profissional de um jornalista

---

<sup>16</sup> HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. São Paulo, WMF Martins Fontes, 2017, p. 27.

<sup>17</sup> FREIRE, Paulo. **Educação na cidade**. 2.ed. São Paulo, Cortez, 1995, p. 103.

investigativo. Para a reflexão que proponho neste ensaio, nos interessa apenas a primeira, taxada pela própria conselheira como a mais importante: “*não inviabilize uma carreira, não defenda uma causa.*”

Nomear a jornalista não é importante, porque, neste caso, ela atuou como enunciadora típica de uma velha e empoeirada noção a respeito do que se espera verdadeiramente de um jornalista e, por consequência, do que é o Jornalismo – ou do que ele pode ser. Essas palavras, infelizmente, ainda estão na boca de muita gente, o que nos impõe o desafio de não as ignorar.

O fato de ela ser, à época, uma pessoa em posição de comando em um grande e *tradicional* jornal impresso e digital, capaz de decidir quem entra e quem sai da equipe de uma das maiores redações do país, dava o tom do que eu considero como um exercício cômodo de autoridade, muito recorrente entre chefes de redação. Ela comentava as características que ela buscava em um jornalista no momento de uma contratação. Ela prescrevia como deveríamos nós, os jornalistas, nos comportar em nossos perfis pessoais de rede social. Que não devíamos dizer o que pensamos. Em outras palavras, que devíamos renunciar ao exercício pleno da cidadania, por meio do compartilhamento de nossa opinião, em prol de uma carreira exitosa.

Ela rascunhava a estética de um jornalista ideal, que não vacila diante da obrigação de manter a integridade e a credibilidade, por meio da imparcialidade. Em nenhum momento ela precisou dizer que todas essas virtudes decorreriam de um corpo branco, magro, cisgênero e heterossexual. Não foi necessário. Nossas mentes, domesticadas e adestradas, cumpriam o papel de interpretar as entrelinhas e incorporar, na integralidade, o discurso. Enunciadores de sermões prescritivos desta natureza estão sempre contando com a nossa habilidade de compreender o não dito.

O interessante, porém, é que ela nunca fundamentava as próprias assertivas. Ela dizia como as coisas deveriam acontecer dentro e fora da redação, mas sem identificar abertamente a natureza, ou seja, a episteme do Jornalismo que ela dizia praticar e defender. Sua fala estava carregada de um universalismo moralizante, que ela não tinha interesse em *situar*. Ela se manifestava por meio de um discurso único, totalizante, a respeito do poderia ser o Jornalismo. Não havia qualquer sinal de que a reflexividade teórica pudesse ser compreendida por ela como um imperativo ético indispensável à prática.

Eu deixei a sala de aula irritado e descii quatro lances de escada até o térreo pensando como teria sido se Eliane Brum tivesse seguido uma recomendação como

a que eu acabara de ouvir; qual teria sido o destino de *Rota 66: a história da polícia que mata*, de 1992, se Caco Barcelos tivesse deixado de assumir a causa da defesa – pela denúncia – dos Direitos Humanos de jovens pretos e pobres das periferias de São Paulo; o que poderia ter feito Natalia Viana, depois de sua experiência no Wikileaks, com Julian Assange, senão fundar a Agência Pública, junto de Marina Amaral e Tatiana Merlino; quem seria Rubens Valente, Adriana Negreiros e Daniela Arbex; o que teria, afinal, inviabilizado a carreira de Vladimir Herzog; seu ato de compartilhar com o mundo, através de seu ofício de jornalista, a democracia como causa?

Assim que cheguei ao hall de entrada da ESPM, no térreo, avistei, à esquerda, em uma mesa redonda, a exposição de pilhas de um livro de capa branca, com escritos em rosa choque: “*A pauta é uma arma de combate*”<sup>18</sup>. Me aproximei e comecei a passar aleatoriamente aquelas folhas pardas, que pareciam responder ao meu incômodo com os argumentos e reflexões teóricas sobre a prática do Jornalismo no Brasil, de maneira inteligente e sofisticada o suficiente para ser simples, direta ao ponto. Foi quando me atentei ao subtítulo da obra: “*subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza*”<sup>19</sup>. Percebi, então, que tinha encontrado algo valioso.

Interessa-me um fazer reflexivo compatível com a beleza, a complexidade, a responsabilidade, a criatividade, a importância e o dinamismo do jornalismo.<sup>20</sup>

Articular teoria e prática nos ajuda a desnaturalizar as tantas molduras jornalísticas utilizadas como se fossem as únicas possíveis, como se suas bases não estivessem impregnadas de hierarquizações de gênero, de raça, de classe, de territórios etc. Isso porque essas imagens e textos, que consumimos de maneira mais fragmentada que nunca, nascem não apenas de um aparato técnico formado por televisões, jornais, sites, podcasts, rádio, mas de uma maneira ainda presente, também no ambiente acadêmico, de pensar e ensinar evitando a complexidade de um mundo assentado sobre sofrimentos e se apoiando em reducionismos e binarismos.<sup>21</sup>

---

<sup>18</sup> MORAES, *op. cit.*

<sup>19</sup> *Ibid.*

<sup>20</sup> *Ibid.*, p. 25.

<sup>21</sup> *Ibid.*, p. 22 e 23.

Fabiana sorria, elegantemente acomodada em uma cadeira, ao lado dos exemplares de sua publicação mais recente. Eu me apresentei e de início confessei que nunca tinha ouvido falar de seu trabalho. Que nunca a havia visto antes, mesmo em fotografias de rede social. Que quando vi seu livro, senti que falava comigo.

Contei a ela tudo que tinha visto e ouvido na palestra sobre como começar a trabalhar no Jornalismo Investigativo. Contei da fatídica frase “*não inviabilize uma carreira, não defenda uma causa*”, que ressoava fresca na minha cabeça.

De joelhos curvados para alcançar a altura de seus olhos, eu a ouvi com o rigor dos desesperados por encontrar um caminho próprio, sem negociar com a liberdade.

Fabiana tinha os cabelos curtos, vestia preto e portava anéis exuberantes, que me encantaram enquanto a observava escrever a dedicatória na primeira página do livro que iria para a casa comigo: “*Leonardo, espero que, sempre, você se posicione sobre aquilo que te incomoda e te comove*”.

\* \* \*

A centralidade da discussão a respeito de uma epistemologia do Jornalismo Brasileiro, no contexto da América Latina, se dá mediante a necessidade que temos de guiar nossa prática de maneira transparente, sem reduzir em sentido o mundo que nos cerca.

Defendo que a epistemologia, tal qual Paul B. Preciado, é

um fechamento do nosso sistema cognitivo que não apenas dá respostas às nossas questões, mas que define as próprias questões que podemos nos colocar em função de uma interpretação prévia de dados sensoriais.<sup>22</sup>

E é exatamente por isso que, se temos a pretensão de fazer um Jornalismo conectado com as transformações e urgências do nosso tempo, ou seja, que pressuponha a existência real da emergência climática e da maior extinção em massa de espécies já registrada; da crise enfrentada pelo sistema democrático em todo o mundo – sobretudo na América Latina, que ainda não conheceu, na maioria de seus países, a democracia plena, como é o caso do Brasil; do racismo, da misoginia, da

---

<sup>22</sup> PRECIADO, Paul B. **Eu sou o monstro que vos fala: relatório para uma academia de psicanalistas**. Rio de Janeiro, Zahar, 2022. p. 51.

LGBTfobia, da xenofobia, do capacitismo, do etarismo e da violência como vícios impregnados na formação da subjetividade deste país, devemos operar na epistemologia que move as redações e os jornalistas, de modo a transformar o Jornalismo de maneira coletiva e estruturante.

Neste sentido, disputar teoricamente o *é* do Jornalismo, por meio da defesa de uma nova epistemologia, que nos permita, a partir de seus instrumentos, resolver, com efetividade, os problemas encontrados na prática, é urgente.

Uma epistemologia se caracteriza justamente pela flexibilidade, o que permite a resolução de um certo número de problemas. Até que os problemas que essa epistemologia cria se tornem, por assim dizer, mais numerosos do que aqueles que resolve. De modo que ela, por definição conversadora, lenta e viscosa, torna-se obsoleta, nociva e até mesmo deletéria, e é substituída por uma nova epistemologia, um novo dispositivo, capaz de responder às novas questões.<sup>23</sup>

Por outro lado, pensar a partir de uma epistemologia clara e consistente é a chave para propiciar o exercício pleno de uma crítica permanente diante de qualquer cenário que se apresente, ou mesmo da já conhecida hegemonia de um recorte jornalístico da realidade, do qual decorre uma infinidade de prescrições excludentes a respeito do *dever ser* do Jornalismo.

Em última instância, a disputa a respeito do que é o Jornalismo se dá através da forma como interpretamos o mundo ao nosso redor. Em outras palavras, definimos o que é Jornalismo a partir dos métodos que empregamos para enxergar o real para, assim, circunscrever os fatos noticiosos – que pretendemos declarar em linguagem jornalística – ou elaborar as perguntas que guiam nossas investigações.

É, portanto, a epistemologia empregada que define a linha editorial de um veículo de comunicação; que define não somente a abordagem noticiosa, mas também o que o jornalista está autorizado a ver, a reconhecer como um dado da realidade.

Quando, em junho de 2020, Miguel Otávio Santana da Silva, de 5 anos, morreu ao cair do 9º andar de um prédio, na cidade de Recife, a *Ponte Jornalismo* enxergou, de imediato, racismo e herança escravista no fato<sup>24</sup>.

---

<sup>23</sup> *Ibid.*, p. 52.

<sup>24</sup> VASCONCELOS, Caê. **Miguel, menino negro e filho de empregada doméstica, morreu por negligência da patroa branca.** Ponte Jornalismo, 04 jun. 2020. Disponível em:

ponte

## Miguel, menino negro e filho de empregada doméstica, morreu por negligência da patroa branca



[Início](#) » [Geral](#)

Sob os cuidados da patroa de sua mãe, Miguel caiu de prédio em Recife e morreu; para historiadora, caso traduz a "história desse país de herança escravista"

Já o *g1* - O portal de notícias da Globo detectou uma sequência de desdobramentos que culminaram na morte de Miguel, mas nenhum deles envolvendo relações raciais e de classe<sup>25</sup>.

**g1**

PERNAMBUCO

### Caso Miguel: como foi a morte do menino que caiu do 9º andar de prédio no Recife

Criança de 5 anos caiu após ser deixada aos cuidados da patroa da mãe. Sari Corte Real, primeira-dama de Tamararé, foi presa por homicídio culposo e solta após fiança de R\$ 20 mil.

Por G1

05/06/2020 12h15 · Atualizado há 4 anos

Isso quer dizer que é preciso *situar* toda e qualquer prática de Jornalismo nos termos de sua epistemologia, levando-se em conta que este papel não recai exclusivamente à reflexão teórica do pesquisador acadêmico, mas, antes de tudo, ao próprio jornalista e ao veículo de comunicação.

É indispensável que, valendo-se das palavras de Preciado, o jornalista e o

<<https://ponte.org/miguel-menino-negro-e-filho-de-empregada-domestica-morreu-por-negligencia-da-patroa-branca/>>. Acesso em: 01 fev. 2025.

<sup>25</sup> G1. **Caso Miguel: como foi a morte do menino que caiu do 9º andar de prédio no Recife.** 05 jun. 2020. Disponível em: < <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2020/06/05/caso-miguel-como-foi-a-morte-do-menino-que-caiu-do-9o-andar-de-predio-no-recife.ghtml> >. Acesso em: 01 fev. 2025.

veículo de comunicação sejam capazes de identificar – e reconhecer abertamente – os dados sensoriais básicos que delimitam seu sistema cognitivo racional, responsável por enquadrar o mundo que pretende cobrir jornalisticamente.

Não se trata, pois, de coibir a possibilidade de coexistência de múltiplas epistemologias jornalísticas, em um movimento de substituição forçada de um referencial prático-teórico por outro (*até porque esta já tem sido, há décadas, a prática, tanto nas redações quanto na academia, de imposição de um jornalismo baseado em velhos manuais, calcado em regras rígidas, supostamente objetivas e imparciais, que não privilegiam a qualidade do produto, ainda que seus agentes pouco reconheçam*), mas de superar as definições totalizantes e moralizantes, que atribuem a si mesmas *status* hierarquicamente superior.

É preciso reconhecer que não há mais espaço para uma prática jornalística que não se autojustifique, ou seja, que se negue a explicar – expressamente – a si mesma ou que seja incapaz de nomear, com honestidade, o que move suas ações.

O jornalista Mark Lee Hunter, em *“Investigação a partir de histórias, um manual para jornalistas investigativos”*<sup>26</sup> registra que *“as pessoas detestam jornalistas, e uma das razões para isso é que elas desconfiam dos nossos motivos.”*<sup>27</sup> Partir do pressuposto de que a desconfiança é democraticamente legítima e que cabe ao Jornalismo o ônus de forjar, francamente, seus próprios fundamentos, é parte *sine qua non* tanto da prática, quanto da pesquisa teórica.

Ao longo de nossas carreiras, já realizamos centenas de investigações. Em cada uma delas, em algum momento, alguém chegou para nós e disse: “Por que você está fazendo todas essas perguntas? O que você irá fazer com essas informações? O que te dá esse direito?” Se não tivéssemos uma boa resposta para essas perguntas – e disséssemos “o público tem o direito de saber!” não seria uma boa resposta – a investigação estaria terminada. Normalmente dissemos algo mais ou menos assim: “O que está acontecendo aqui é importante para você e para os outros. Eu irei contar a história, e quero que ela seja verdadeira. Espero que você me auxilie”.

O que quer que você diga em um momento como esse, precisa ser algo em que você acredite, e precisa fazer sentido, qualquer que seja

---

<sup>26</sup> HUNTER, Mark Lee. **A Investigação a partir de histórias: um manual para jornalistas investigativos**. UNESCO Series on Journalism Education, 2011. Disponível em: <<https://www.unesco.org/pt/articles/investigacao-partir-de-historias>>. Acesso em: 01 fev. 2025.

<sup>27</sup> *Ibid.*, p. 12.

a pessoa a quem você está falando. As pessoas detestam jornalistas, e uma das razões para isso é que elas desconfiam dos nossos motivos. Esperamos que você também possa contribuir para mudar essa realidade.<sup>28</sup>

Negar a necessidade de buscar – ou atualizar – os argumentos que sustentam nossa prática, por meio de uma reflexividade constante, qualificada e multidisciplinar, é escolher um esconderijo conservador, moldado por uma noção essencialista de Jornalismo, cujo valor não está condicionado a uma prática que reflete as transformações e as demandas do nosso tempo; é alimentar, finalmente, uma fantasia de um mundo de condições que nunca existiu.

Não há nenhuma evidência de que haja um valor intrínseco ao Jornalismo, dado pela natureza. A qualidade e a relevância de nossa atuação estão condicionadas à nossa própria capacidade de comunicar com eficiência nossos métodos, formatos e linguagem, ao mesmo tempo em que as estruturas de poder se transformam, nas sociedades em que também somos, individualmente, parte. Não é a sociedade que deve acompanhar o Jornalismo, mas o contrário.

É por isso que Preciado nos ajuda ao trabalhar a ideia de que, verificadas determinadas condições, é preciso encontrar uma nova epistemologia, que nos permita a resolução de um certo número de problemas, por um caminho novo que nos possibilite a formulação de novas questões.

Neste contexto, Fabiana Moraes nos traz uma ponderação importante, para que não se perca de vista que, apesar dos esforços, ainda há um longo caminho a percorrer até que teoria e prática possam se encontrar no campo do Jornalismo, de modo estruturante e/ou transversal.

Isso não é afirmar - necessário dizer - que a sociedade e a academia não estão produzindo, há tempos, massa crítica sobre si mesmas ou que estão avessas às dinâmicas e tensões impostas por modelos econômicos, pelo ambiente geopolítico e pelas mudanças sociais. Pelo contrário: é forte, principalmente a partir da popularização de discussões como, por exemplo, raça, gênero e colonialidade, um movimento de inflexão e de reconfiguração de epistemologias e práticas provocadas não só de fora para dentro, mas também de dentro para fora. Na academia, isso acontece tanto entre docentes e

---

<sup>28</sup> *Ibid.*

pesquisadoras quanto entre estudantes já atentas às relações de poder no campo do conhecimento. É, neste caso, um reflexo de uma universidade brasileira que começou, felizmente, embora tardiamente, a de fato enegrecer.

Por isso é interessante pensar, nesse sentido, na enorme ironia que se coloca: se, no ambiente acadêmico, discute-se há tanto tempo sobre o jornalismo e as construções midiáticas redutoras e violentas, por qual razão esses questionamentos não se refletem efetivamente na produção das notícias? Por que boa parte dos e das jornalistas se recusa a pensar sobre a própria produção? Ainda: o que levou uma parcela imensa da população a optar por um conteúdo desinformativo ao autodenominado "jornalismo profissional"? O que tudo isso diz da nossa imprensa? E das bibliografias e práticas das universidades? Podemos culpabilizar somente o mercado e o campo profissional, enquanto não evidenciarmos como a universidade também guarda, a despeito das mudanças recentes, fortes desigualdades e, no caso do jornalismo, ainda oferece uma perspectiva que coloca a técnica acima da reflexividade?<sup>29</sup>

Não há outro caminho que não o da reflexão teórica a partir da observação cotidiana da prática, impactada por um mundo que exige conexões novas entre os campos do saber científico e empírico. Se desejamos insistir no exercício e, principalmente, na oferta de cursos universitários de Jornalismo – mesmo diante da não obrigatoriedade do diploma, como é o caso brasileiro há 15 anos –, temos o dever de conceber alicerces que sobrevivam à areia movediça de um mundo em mutação; que o Jornalismo seja, finalmente, parte da mudança e não um entrave a ser ultrapassado.

E não nos basta estudos de sobrevivência do Jornalismo em termos trabalhistas, de empregabilidade, diante do colapso das redações, cada vez mais enxutas. É preciso se dispor a tratar com compromisso e liberdade o que define o Jornalismo; qual é o seu papel hoje, considerando sempre a territorialidade da qual germina sua prática; e, principalmente, quais são os imperativos éticos que se impõe sobre a prática do Jornalista na contemporaneidade.

*Situar* epistemologicamente a própria prática jornalística é um dever, senão um ato de preservação do Jornalismo, que seja digno deste nome. Não existe Jornalismo qualificado sem reflexão teórica; e é por isso que podemos falar em um vácuo prático-epistemológico. A partir do momento em que não se nomeia a base conceitual,

---

<sup>29</sup> MORAES, *op. cit.*, p. 23.

principiológica e paradigmática sob a qual se pensa e se pratica o Jornalismo, estamos diante de um vácuo epistemológico.

A prática que se desenvolve por meio da imitação e da repetição de formatos pré-existentes é uma ação alienante e não oferece ao jornalista as ferramentas de que precisa para persistir no ofício, com autonomia intelectual no papel de agente da criação.

É neste sentido que, a mutação constante do mundo natural e social que nos cerca, deve ser para nós o paradigma fundante de uma epistemologia que reflita nosso tempo atual, de maneira a, paradoxalmente, manter o jornalista – e o Jornalismo – como parte de uma comunidade de comunicadores relevantes.

Paul Preciado nos explica que

Um paradigma determina uma ordem do visível e do invisível, e como tal traz consigo uma ontologia e uma ordem política, isto é, estabelece a diferença entre o que existe e o que não existe social e politicamente, e instaura uma hierarquia entre os diversos seres. Determina uma maneira específica de experimentar a realidade por meio da linguagem, um conjunto de instruções que regulam os rituais de produção e de reprodução social. Bruno Latour nos lembra que o paradigma não é uma metáfora ótica, apesar dos exemplos emprestados pela psicologia de Gestalt. Um paradigma não é uma simples visão de mundo. Não é uma interpretação e menos ainda uma simples representação subjetiva. “É”, explica Latour, “a prática, o *modus operandi* que autoriza a emergência de fatos novos. É mais como uma estrada que permite alcançar um lugar experimental do que como um filtro que colore os dados de maneira permanente. Um paradigma atua mais ou menos como a pista de um aeroporto. Torna possível, por assim dizer, a ‘aterrissagem’ de certos fatos. Compreendemos melhor a importância, para Kuhn, de todos os aspectos sociais, coletivos e institucionais desses paradigmas. Para ele, nada disso enfraqueceria a verdade das ciências, sua comensurabilidade, seu acesso à realidade. Ao contrário, se insistíssemos sobre os aspectos materiais daquilo que permite que os fatos ‘aterrissem’, compreenderíamos também, segundo ele, por que as ciências avançam de uma forma tão conservadora, tão lenta, tão viscosa. Um hidroavião não pode aterrissar no aeroporto de Orly, um quantum\* não pode ‘aterrissar’ na física de Newton.”<sup>30</sup>

Nesse sentido, nos impõe questionar qual tem sido a pista de aterrissagem do

---

<sup>30</sup> PRECIADO, *op. cit.*, p. 50 e 51.

Jornalismo que fazemos e/ou pesquisamos, uma vez que são as suas características que definem os fatos que são por nós considerados, analisados, deduzidos; e o quanto nossa pista reduz ou amplia nossa sensibilidade, nossa capacidade de captar as transformações do mundo, ou mesmo de nos antecipar a elas.

Se estivermos aptos a delinear os contornos da pista sobre a qual produzimos informações jornalísticas e elaboramos nossas hipóteses investigativas, possibilitaremos um debate teórico qualificado e vigoroso o suficiente para pensar além das condições elementares de sobrevivência do Jornalismo; se formos capazes de identificar e explicar os aspectos materiais que determinam, em certa medida, como trabalhamos nossa compreensão jornalística da vida – isto é, como transformamos o mundo a nossa volta em linguagem jornalística –, cultivaremos nossa habilidade de criar soluções para os desafios da prática, de modo coletivo.

\* \* \*

Retomemos nosso foco ao manifesto *SUMAÚMA: Jornalismo do Centro do Mundo* para encontrar nele um ponto de aplicação prático-reflexiva virtuosa de um Jornalismo Brasileiro e, conseqüentemente, latino-americano, cujas raízes se entrelaçam a uma nova dinâmica de reconhecimento da nossa realidade histórica contemporânea, matéria prima do jornalista em atividade.

Explico: a jornalista Natália Viana, em seu livro mais recente, “*O Vazamento: memórias do ano em que o Wikileaks chacoalhou o mundo*”<sup>31</sup>, refletindo sobre a nova sociabilidade digital produzida pelas transformações dos modos de controle da comunicação online, por meio dos monopólios de empresas transnacionais e seus projetos de plataforma das redes, empresta palavras da pesquisadora Claire Wardle, da Universidade Brown, para nos contar que, enquanto as redes que propagam a desinformação – que tem fortalecido projetos autoritários da extrema-direita em todo o mundo – são sempre participativas, o Jornalismo, e a política tradicional, são unidirecionais.<sup>32</sup>

O que pesquisadoras como Wardle e jornalistas de vanguarda como Viana tem insistido em introduzir ao debate brasileiro e latino-americano é um dado que não

---

<sup>31</sup> VIANA, Natália. **O Vazamento: memórias do ano em que o WikiLeaks chacoalhou o mundo**, São Paulo, Fósforo, 2024.

<sup>32</sup> *Ibid.*, p. 286.

podemos ignorar: há uma “*vontade de participação*” evidente entre os cidadãos, introduzida pelas dinâmicas de trocas em uma sociedade sob uma nova lógica participativa<sup>33</sup>: a *rede*.

O nascimento dessa ordem comunicacional que experimentamos – a *rede* – seria, para a psicanalista e filósofa nietzschiana, Viviane Mosé, o resultado de um investimento monumental de países do Norte Global, no desenvolvimento de conhecimento técnico, ao longo dos últimos séculos. Capaz de revirar estruturas de poder, a *rede* pode ser encarada, neste viés, não apenas como um suporte tecnológico para o desenvolvimento de relações humanas, mas também como relação propriamente dita.<sup>34</sup>

É nesse sentido que Mosé explica que

essa sociedade, que nasceu como sociedade da informação e que, com as redes sociais, se tornou sociedade do conhecimento, porque produz conhecimento em tempo real, desfez as antigas estruturas de poder, ao mesmo tempo que deu à luz novas. Cada vez mais trocas conceituais são diretamente realizadas, novos acordos são feitos, alguns absolutamente inéditos. Não apenas pessoas antes isoladas puderam ganhar poder, mas, com o acesso cada vez mais democratizado à informação, uma geração de jovens, munidos de algum conhecimento e muita ousadia, produziu novos centros geradores de lucro e desfez antigos, ao mesmo tempo que criou novos modelos de negócios, novos modos de gestão, e inspirou novas lideranças.<sup>35</sup>

[...]

Dessa dispersão dos centros de poder, que passam a se organizar em torno de uma infinidade de acordos, surgiu uma rede de poder horizontalizada, na qual as relações de mando e obediência permanecem, as hierarquias continuam existindo, mas respondem a jogos tão provisórios que nunca sabemos com quem, onde ou por quanto tempo se dará. Uma inovação tecnológica, um acidente ambiental, um ataque terrorista e antigos centros de poder tornam-se nada. Imediatamente novos acordos surgem, novos centros.<sup>36</sup>

[...]

Se antes tudo tinha origem no Um (o rei, o presidente, o pai, o

---

<sup>33</sup> *Ibid.*

<sup>34</sup> MOSÉ, Viviane. **A escola e os desafios contemporâneos**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2013, p. 8.

<sup>35</sup> *Ibid.*

<sup>36</sup> *Ibid.*, p. 10.

professor, o chefe), e se era exatamente a existência do Um que garantia a ordem, hoje não podemos encontrar esse centro na lógica da rede, nem mesmo podemos atribuir poder a pessoas; de tão provisório que é, hoje, o poder, ele está nas relações, nos acordos, nas múltiplas e móveis conexões.<sup>37</sup>

[...]

O mais importante dessa nova sociedade, a sociedade do conhecimento, são as relações de poder que se esgarçam, enquanto novos agenciamentos surgem.<sup>38</sup>

Por outro lado,

se o raciocínio antes acontecia em linha, opondo dois lados, o bem e o mal, o certo e o errado; hoje, na rede, lidamos com as infinitas possibilidades e os infinitos graus que existem entre uma coisa e outra. Além da instabilidade de valores com os quais temos de aprender a lidar, ou caímos em um relativismo moral nefasto. Se a contradição era um problema do discurso, agora essa contradição é assumida no discurso: os amigos virtuais são amigos, mas ao mesmo tempo não são. Se antes fazíamos uma coisa de cada vez, hoje sabemos que podemos abrir ao mesmo tempo muitas portas e alimentar todas, porque nossa cognição é capaz de lidar com a multiplicidade. Enfim, se antes recebíamos os valores prontos; hoje, com a crise de valores, temos de aprender a criá-los. Produzir, em vez de apenas memorizar conhecimento; criar, em vez de apenas reproduzir valores; abrir novos mercados, em vez de apenas se enquadrar no existente, são alguns dos pontos que definem o homem contemporâneo.<sup>39</sup>

No livro-reportagem *“Banzeiro Òkòtò: uma viagem à Amazônia Centro do Mundo”*<sup>40</sup>, a jornalista Eliane Brum faz uma descrição crítica do fato de pessoas da floresta, povos originários da Amazônia, manifestarem em entrevistas a ela idades aleatórias, por vezes claramente ilógicas ao padrão de racionalidade e cientificismo branco-ocidental, por nós assimilado em razão da violência colonial a que fomos submetidos. Brum toma a técnica do Jornalismo que aprendemos na Universidade,

---

<sup>37</sup> *Ibid.*

<sup>38</sup> *Ibid.*, p. 12.

<sup>39</sup> *Ibid.*

<sup>40</sup> BRUM, Eliane. **Banzeiro òkòtò: Uma viagem à Amazônia Centro do Mundo**. São Paulo, Companhia das Letras, 2021.

que tem a idade como dado objetivo primário da identidade de um sujeito, para tratar da linearidade claustrofóbica do pensamento que incorporamos sob a insígnia de *civilização ocidental*.

Sou jornalista. E como todos os jornalistas, fui treinada a perguntar a idade das pessoas que entrevisto. Isso que chamamos de "civilização ocidental" se desenvolve como linearidade. Parte do zero e vai se dividindo em faixas etárias. Tudo é construído ao redor dessa convenção: as estatísticas, o que devemos sentir, o que acontece com o corpo e com a mente, a qualidade da vida, o momento em que se espera morrer. Vai-se do zero para algum lugar em linha reta. Quanto maior a expectativa de vida, supostamente mais desenvolvida é a nação a que se pertence. As pessoas se pensam com esses números marcados por aniversários registrados em papel e agora também na nuvem. Isso estrutura o pensamento, e uma estrutura é também uma prisão.<sup>41</sup>

Brum nos reporta que

a idade medida em números numa linha reta não faz o menor sentido para quem vive na floresta e se move pela estação da seca e pela estação das chuvas, pelos ciclos de todas as outras gentes, humanas e não humanas, aos quais são intimamente conectados, inclusive porque comem uns aos outros. Por que você precisaria saber quantos anos tem se sabe o que sente, o que pode e o que deseja?<sup>42</sup>

Dessa maneira, a emergência de novos modos de relação e comunicação, de consumo e produção de riqueza, mediados pelo desenvolvimento técnico acelerado, tem colocado em xeque estruturas unidirecionais, baseadas em uma linearidade lógico-racional.

Em outras palavras, uma nova epistemologia comunicacional, concebida através de um paradigma de participação e interatividade instantânea entre sujeitos conectados virtualmente, – estabelecida nos limites do nosso atual estágio de desenvolvimento tecnológico, político, social e econômico – tem nos levado a experimentar coletivamente novas realidades, conduzidas por inéditos, variados e

---

<sup>41</sup> *Ibid.*, p. 13.

<sup>42</sup> *Ibid.*, p. 16.

concomitantes centros de poder.

O professor titular da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (USP), Eugênio Bucci, em seu livro *“A Superindústria do Imaginário: como o capital transformou o olhar em trabalho e se apropriou de tudo que é visível”*, defende que o que experimentamos são os efeitos de uma *“mudança no curso a partir da qual a comunicação desenvolveu sua capacidade particular de fabricar valor em escala superindustrial e passou a dominar nada menos que o centro do capitalismo.”*<sup>43</sup>

Bucci descreve nosso atual tempo histórico, da seguinte maneira:

atividades como a publicidade, o entretenimento, as plataformas sociais e o comércio das diversões, que antes eram vistas como operações acessórias, situadas no entorno das relações de produção, passam a ocupar a posição de núcleo principal da fabricação do valor.<sup>44</sup>

Se antes a imprensa, que agora precisamos adjetivar como *tradicional* – o que demonstra que já não se encontra mais no centro da produção de ideias universalizantes – gozava de uma certa autoridade política, por controlar materialmente os jornalistas (*estes seres cuja moeda de troca da própria sobrevivência sempre foi “tomar para si” as informações de interesse público, neste contexto “tradicional” em que são, inevitavelmente, reduzidos a uma massa de proletários à procura de furos*), hoje os fatos são intercambiados em tempo real, por pessoas munidas de ferramentas acopladas em um aparelho celular de duzentos gramas. Uma pessoa sozinha, através do seu perfil do *Instagram*, pode mobilizar, em um espaço específico de tempo, por meio de uma transmissão ao vivo, uma audiência maior que a da televisão, que exerceu por décadas o monopólio desta técnica. O ao vivo, que foi um desafio caríssimo mesmo para grandes veículos de comunicação, é hoje apenas uma dentre uma infinidade de outras ferramentas tecnológicas de comunicação, cujo acesso é massificado e praticamente gratuito.

Pessoas trocam informações sem precisar obrigatoriamente da intermediação de um jornalista *tradicional*; outras, aprendem sem que um professor de carne e osso

---

<sup>43</sup> BUCCI, Eugênio. **A superindústria do imaginário: como o capital transformou o olhar em trabalho e se apropriou de tudo que é visível**. Belo Horizonte, Autêntica, 2021, p. 34.

<sup>44</sup> *Ibid.*

os interceda dentro de uma sala de aula. A autoridade do pai, do professor, do jornalista e do Estado estão, finalmente, ameaçadas. Se antes o mundo se organizava na dinâmica própria de uma pirâmide, em que um sujeito é capaz de fazer a gestão da base complexa, na rede tudo acontece ao mesmo tempo, o tempo todo, já que “o poder está nas relações, nos acordos, nas múltiplas e móveis conexões”<sup>45</sup>.

Frente a este novo arranjo comunicacional, que é ao mesmo tempo relacional, “temos (...) de elaborar novas questões para essa nova sociedade que emerge, ainda cambaleante.”<sup>46</sup>

Esta nova sociedade cambaleante é a que enfrenta uma crise sem precedentes no modelo de democracia liberal (empreendido após o fim da Guerra Fria, de maneira complexa e desigual pelo mundo) diante da ofensiva organizada de uma extrema-direita autoritária, apoiada por grandes corporações capitalistas de comunicação que atuam sem regulação legislativa a contento e impulsionada pessoas conectadas, ávidas pela sensação de pertencimento e envolvimento, produzida pelas interações nas redes sociais.

Todavia, diante dessas novas circunstâncias, tem se tornado cada vez mais evidente que é um erro insistir no velho modelo racional e comunicacional linear, unidimensional e unidirecional, de matriz essencialmente Branca, Ocidental e Europeia, tendo em vista que não há dúvidas de que este modelo nega a coexistência de opostos e reforça binarismos e maniqueísmos excludentes.

Mosé nos conduz ao entendimento por meio de uma metáfora reveladora.

Quando um caranguejo cresce, quando se torna maior, perde sua casca e sobre a pele já se desenha uma nova, mas é apenas um desenho. Enquanto essa nova casca não endurece, criando o escudo protetor próprio dos crustáceos, o caranguejo deve se proteger dos ataques de outros animais. Nossa sociedade está trocando de casca. Uma nova casca já se configura, já podemos vê-la, mas ela ainda não tem consistência suficiente. Vivemos uma transição, temos um pé no futuro e outro na barbárie.<sup>47</sup>

---

<sup>45</sup> MOSÉ, *op. cit.*

<sup>46</sup> *Ibid.*

<sup>47</sup> *Ibid.*

Nesse sentido, fazer Jornalismo hoje impõe a nós, jornalistas e pesquisadores, o dever ético de desenvolver a capacidade de identificar o que compõe – ou pode vir a compor – a fina casca incipiente de nossa comunidade mutante, da qual um futuro potente poderá vir a brotar; e a habilidade de ver, de enxergar, para então descrever jornalisticamente a barbárie que resiste em comprometer um futuro que seja verdadeiramente vivo.

Se movimentos reacionários no Brasil, de Jair Bolsonaro, e no mundo, com Javier Milei, Donald Trump, Marine Le Pen, Viktor Orbán, mantêm um de nossos pés na barbárie, a emergência de novos centros de poder, com a descentralização produzida por uma epistemologia relacional de comunicação em *rede*, tem ao mesmo tempo conduzido as ações exitosas de pessoas e grupos *queer*, feministas, não-brancos, de pretas e pretos, de povos-floresta e indígenas que, em toda sua complexidade e diversidade de pontos de vista e de proposições rumo à verdadeira dignidade material e simbólica, convergem em um ponto: são os responsáveis por manter nossa civilização com pelo menos um dos pés no futuro.

É a partir deste cenário como pressuposto que nos tornamos aptos a compreender a relevância do manifesto *SUMAÚMA: Jornalismo do Centro do Mundo* para além do caráter de diretrizes editoriais, de balizas internas da produção jornalística de um veículo, mas como marco gerador de renovação, reforma e restauração no contexto do Jornalismo latino-americano contemporâneo.

O manifesto<sup>48</sup> *situa e corporifica* a voz jornalística que fala virtualmente através do distintivo SUMAÚMA, nome emprestado de uma das maiores árvores da floresta amazônica.

Queremos contar histórias que moram aqui, na Amazônia, e contar histórias que acontecem em outras partes do planeta a partir da floresta e da perspectiva de seus vários povos, assim como da melhor ciência do clima e da Terra. E trabalharemos para que essas histórias ecoem longe, colaborando para irrigar o debate público e para engrossar rios voadores de ideias capazes de se converter em ação. Acreditamos no poder das histórias contadas, no poder do jornalismo que merece este nome porque é feito com ética, com rigor e com independência.<sup>49</sup>

---

<sup>48</sup> SUMAÚMA, *op. cit.*

<sup>49</sup> *Ibid.*

Como quem nomeia uma espécie de *eu* lírico jornalístico, que vê o mundo a partir dos olhos dos vários povos que formam isso que chamamos Amazônia, SUMAÚMA aplica, no Jornalismo, de forma consciente ou não, a proposta engendrada pela filósofa feminista Donna Haraway, de saberes e conhecimentos situados.

Agrega-se, entretanto, que esse *eu* que se comunica com método e rigor jornalísticos está atravessado pela ciência do clima e pelos vínculos produzidos pela relação que este território e sua gente estabelecem com o que acontece dentro e fora dele.

[Somos] Jornalistas com décadas de profissão que compreenderam que, diante da emergência climática e da sexta extinção em massa de espécies, precisam criar algo diferente. Queremos fazer mais do que já fizemos, estamos comprometidos em dedicar nossa vida à grande batalha que coube às atuais gerações. Entendemos que precisamos atuar com mais força em defesa das crianças que já nasceram e das crianças que ainda nascerão – e SUMAÚMA é a nossa resposta.<sup>50</sup>

Há, portanto, uma circunscrição clara dos paradigmas que tecem uma epistemologia própria, complexa, que combinam teses de várias matrizes, além de experiências pessoais de cada um dos envolvidos na concepção, com o objetivo de garantir que uma história, um acontecimento, seja contado sempre de forma referencial e contextual.

SUMAÚMA nos ensina que o valor e a relevância de um fato noticioso só podem ser verdadeiramente compreendidos se seu contexto estiver bem delineado. Isso porque, no caso dos povos-floresta da Amazônia, humana e não humana, toda história contada é também, em algum aspecto, a apresentação primeira – a um mundo desflorestado – de uma realidade desconhecida, de povos cuja subjetividade não pode ser compreendida desvinculada da floresta.

Se o trabalho do jornalista é verter a realidade em linguagem jornalística, formando coletivamente um arcabouço de registros de informações que poderão ser analisados em perspectiva ao longo do tempo, há de se convir que quando o assunto é a Amazônia e seus povos, o trabalho jornalístico, especialmente sob uma

---

<sup>50</sup> *Ibid.*

perspectiva não branca e decolonial, é extremamente escasso. A Amazônia brasileira foi – e ainda é – uma espécie de deserto de notícia.

O cuidado no enfrentamento do desafio de se construir uma linguagem investigativa não excludente – ou seja, habilitada a dizer nas entrelinhas, na técnica e no discurso mais que um dado bruto: uma interpretação sofisticada a partir da interseção de vários campos do saber – resulta, no caso de SUMAÚMA, em um produto jornalístico cuja subjetividade aparente e destemida escapa ao grosso do que já foi produzido no contexto da América Latina.

O emprego de técnicas literárias e artísticas, sem medo da subversão das formas, é reflexo deste rigor em informar o que é; é a primazia da mensagem sobre a forma; é a forma como condutora do é que sempre escapa aos limites da racionalidade linear branco-europeia; se algo não pode ser dito por meio das palavras, será dito pelo desenho, pela fotografia, pelo cinema ou pela sobreposição de todas essas linguagens. Se há um compromisso restritivo é o de ser fiel ao *eu* que fala da e através da floresta.

Exemplo disso é a reportagem *“Por que os garimpeiros comem a vagina das mulheres Yanomami?”*<sup>51</sup>, realizada pela jornalista Talita Bedinelli em parceria com a indigenista, antropóloga e tradutora da língua Yanomami Ana Maria Machado e pelo fotógrafo Pablo Albarenga, publicada em setembro de 2022, em que o relato de mulheres Yanomami foi obtido não apenas por meio da entrevista, método habitual de acessar as fontes, mas também através da manifestação estética do desenho.

Levamos outro grupo de mulheres para um sítio próximo à capital de Roraima, Boa Vista, uma cidade cujo principal monumento é a estátua de um garimpeiro. Lá pedimos que desenhassem o que escutam, veem, sofrem. São estes desenhos que se misturam às fotografias da terceira pessoa da equipe de SUMAÚMA, Pablo Albarenga. Como elas terão que voltar para o território controlado pelos criminosos, não podem ser identificadas sem correr risco de execução, assim como suas famílias e comunidades. Pablo tem a missão difícil de documentar a realidade dramática do território Yanomami em imagens – sem identificar as mulheres. A solução encontrada foi mesclar suas fotos a seus desenhos. Cada foto desta reportagem associa uma mulher à sua interpretação pessoal de como o garimpo a afeta. Esta é a imagem que elas revelam ao mundo com o rosto que precisam

---

<sup>51</sup> BEDINELLI, Talita. **‘Por que os garimpeiros comem as vaginas das mulheres Yanomami?’** SUMAÚMA, Altamira, 13 set. 2022. Disponível em: <<https://sumauma.com/por-que-os-garimpeiros-comem-as-vaginas-das-mulheres-yanomami/>> Acesso em: 01 fev. 2025.

ocultar.<sup>52</sup>



Nesta reportagem, que recebeu, no mesmo ano da publicação, o segundo lugar

---

<sup>52</sup> *Ibid.*

no Prêmio Direitos Humanos de Jornalismo promovido pelo Movimento de Justiça e Direitos Humanos e Ordem dos Advogados do Brasil do Rio Grande do Sul<sup>53</sup>, mulheres, que não falam português, vítimas de violência sexual em garimpos ilegais, compartilharam seus horrores de forma visual e não só por meio da palavra. É a manipulação de um novo dado, de uma linguagem a mais a dialogar com o texto e a fotografia jornalística.

Por outro lado, o manifesto delinea o viés político daquele que fala em SUMAÚMA. Um corpo *situado* na floresta, que se baseia não somente na ciência climática, mas no pensamento indígena milenar, declara que “*a floresta – sua natureza e seus povos – precisa vir antes do mercado*”<sup>54</sup>; que age a partir do reconhecimento de que existem “*ameaças poderosas e violentas de empresas e corporações, de governos e de políticos, do crime organizado*”<sup>55</sup> contra a sobrevivência da floresta e de seus povos.

Como jornalistas, nos posicionamos ao lado dos povos-floresta na linha de frente da guerra movida contra a natureza. Essa guerra, segundo o *Map Biomas*, em 2021 assassinou 18 árvores por segundo na floresta e, neste momento, quase certamente mata um número maior. Essa guerra está obrigando as borboletas a apagar suas cores e se converter em pardas e cinzas, os tons da floresta queimada, para se mimetizar e sobreviver. Essa guerra, em vez de tanques usa tratores e motosserras; em vez de aviões com bombas tradicionais, pulveriza agrotóxicos sobre a terra, os rios e os povos; em vez de navios de combate, usa dragas de garimpo e corrói a saúde dos rios com mercúrio; em vez de soldados tradicionais, usa jagunços a soldo e policiais convertidos em milicianos pela usurpação do Estado. Essa guerra é hoje um massacre, dada a desproporção das forças, e este massacre precisa acabar.<sup>56</sup>

Há a incorporação de um olhar corajoso a respeito da democracia como regime político “*jámais alcançado*”<sup>57</sup> no contexto brasileiro. Em uma posição-ação que pretende ir além das interpretações formalistas e/ou legalistas, SUMAÚMA declara

---

<sup>53</sup> SUMAÚMA, *op. cit.*

<sup>54</sup> *Ibid.*

<sup>55</sup> *Ibid.*

<sup>56</sup> *Ibid.*

<sup>57</sup> *Ibid.*

que

defende, sim, a democracia. Mas a democracia que defendemos é para todas as pessoas humanas, algo que no Brasil jamais foi alcançado, e também para as pessoas não humanas. No século 21 não faz nenhum sentido falar sobre democracia sem estendê-la para a natureza e para as futuras gerações. **SUMAÚMA** é antirracista, mas é também antiespecista. Todos nós temos um papel a desempenhar na criação das condições para a vida na Terra.<sup>58</sup>

O corpo-floresta, a voz da floresta e de seu povo, se junta a jornalistas que fizeram carreira no sul e sudeste para chamar atenção para uma experiência política particular no que diz respeito à democracia. Para a floresta, que sofre as consequências catastróficas de um genocídio sem fim desde a chegada dos primeiros europeus a este território, a democracia segue como uma promessa ainda sem concretude.

Esse é um dos pontos que demonstram como SUMAÚMA não se submete a uma retórica de copo meio cheio diante da emergência de um novo mundo que cambaleia, mas que caminha – inclusive para momentos de maior tensão e caos.

Quero dizer que SUMAÚMA não cai no equívoco de, diante da emergência climática e todas suas crises subjacentes, recuar em suas pretensões. SUMAÚMA segue reafirmando que não há outra saída senão uma verdadeira democracia, ampla e irrestrita, que barre o avanço predatório de uma economia capitalista pós-industrial. SUMAÚMA enfrenta, dessa maneira, os imperativos éticos do nosso tempo, incontornáveis ao Jornalismo.

Se o fato noticioso exige um contexto que o carregue, que o sustente, a compreensão, pelo interlocutor, do produto publicado, tem demandado cada vez mais um grau relevante de conhecimento sobre aquele que o publica. O jornalista, sobretudo o que trabalha com investigações, para ser ouvido, lido, respeitado e considerado deve não apenas ser transparente com seus métodos de apuração, mas também quanto a sua jornada de formação e percepção ideológica e política.

Em outras palavras, a nova epistemologia comunicacional e relacional imposta pela nova ordem tecnológica, da sociedade em *rede*, exige maior honestidade quanto à forma como o jornalista se vê social e politicamente dentro da realidade que

---

<sup>58</sup> *Ibid.*

investiga. Se não o faz, a sociedade o enquadrará e denunciará a moldura pela qual interpreta e relaciona os dados que compõem suas conclusões jornalísticas; o interlocutor extrairá do seu texto os elementos – inclusive inconscientes – que relevam sua experiência como sujeito social.

Não se trata, entretanto, de reproduzir identidades fixas, de localizar-se – ou aprisionar o outro – objetivamente em um universo de novos ou velhos enquadramentos estanques. Compartilho da compreensão de Preciado de que novas identidades não produziram mais liberdade no interior de nossa sociedade em mutação.

Eu sou crítico das políticas de identidade porque as lutas feminista, gay e lésbica durante muito tempo se estruturaram como políticas de identidade, ou seja, elas pensaram que tínhamos a necessidade de uma identidade comum e de um identidade que fosse, finalmente, essencializada, reificada e naturalizada para construir uma luta política em torno dessa identidade. O problema é que esse processo político, sobretudo a partir dos anos 1980, conduziu a mais identidade, mas não a mais liberdade, e a mais normalização, isso no interior da sociedade dominante heterossexual heteropatriarcal branca dominante.<sup>59</sup>

Não cabe, portanto, a aplicação de uma hermenêutica empobrecida, de viés sociológico determinista, que confine indivíduos em grupos sociais impermeáveis, que presuma de maneira pragmática os contornos de sua subjetividade, de suas intenções, motivações e objetivos. Não é o caso de incorrer no equívoco da presunção dogmática da autoridade da experiência sobre a reflexão e o estudo teórico-científico, mas do desafio de conectá-los, de modo a conceber uma epistemologia capaz de acolher o maior número de complexidades; e não o contrário.

Neste contexto, gosto como a atriz e escritora Fernanda Torres me ajuda, em poucas palavras, a decifrar o que tento dizer agora: *“o problema é que o intelectual branco [progressista], antes ele era o porta-voz do povo, ele era livre. E (...) hoje, o povo fala por si.”*<sup>60</sup> Ela disse isso ao ser questionada sobre o comportamento da

<sup>59</sup> DELUCA, Naná; PASSOS, Úrsula. **Regime heteronormativo e patriarcal vai colapsar com revolução em curso, diz Paul Preciado**. Folha de S. Paulo, Ilustríssima, 16 jan. 2021. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2021/01/regime-heteronormativo-e-patriarcal-vai-colapsar-com-revolucao-em-curso-diz-paul-preciado.shtml>> Acesso em: 01 fev. 2025.

<sup>60</sup> UOL. **No Roda Viva, Fernanda Torres diz que “o branco libertário” está “perdido”**. 09 jan. 2024. Disponível em: <[https://cultura.uol.com.br/entretenimento/noticias/2024/01/09/9042\\_no-roda-viva-](https://cultura.uol.com.br/entretenimento/noticias/2024/01/09/9042_no-roda-viva-)

“*branquitude intelectual*” brasileira, em entrevista ao programa Roda Viva, em janeiro de 2024.<sup>61</sup>

Dessa maneira, ao *falar por si*, munido de ferramentas de comunicação antes sofisticadas, mas que agora estão na palma de sua mão, o *povo* questiona a credibilidade do *intelectual branco progressista*, que cumpriu historicamente o papel de intermediar os conflitos de classe junto às instituições públicas e privadas.

Com isso, além da autoridade do pai, do professor, do jornalista e do Estado, a autoridade do *intelectual branco progressista* também se encontra ameaçada. E isso importa ao Jornalismo porque este sempre foi um território fértil para a ascensão pública de homens brancos de classe média, que desfrutavam vidas inteiras as delícias de um *status* de intelectual supostamente não conservador, sem serem incomodados por seu viés de pretensão universalizante reducionista e excludente. O homem branco consciente (hétero, cisgênero e de classe média) hierarquicamente superior nas redações analógicas abarrotadas de papéis e carimbos do final do último século, que colecionava impunemente histórias de assédio moral e sexual e escondia suas disfunções psíquicas na caricatura do boêmio marxista apreciador de samba e literatura russa, desobrigado a justificar-se e a introduzir maior complexidade (de gênero, classe e raça) a todas as suas pautas é, finalmente, um tipo decadente.

Excluindo-se o jornalismo ultraconservador, que apoiou e serviu à ditadura empresarial-militar de 1964 a 1985, o jornalismo *tradicional* do Sul e Sudeste do Brasil, do tal eixo Rio-São Paulo, é historicamente marcado pela presença de uma linguagem sobre a qual o *intelectual branco progressista* atua como *porta-voz* de uma realidade alheia. Morador do centro expandido da cidade de São Paulo, ex-aluno de colégios e universidades de elite, o jornalista escreve como se o compartilhamento da alcunha formal de paulistano com seu entrevistado de Paraisópolis pudesse esconder o abismo territorial avassalador que há entre os dois sujeitos, circunstância que, se ignorada, impacta em absoluto – para pior – a qualidade do produto jornalístico.

Quando eu vivia em São Paulo eu escolhia, por profissão e por convicção, alcançar os territórios de tragédia, e depois voltava para meu edifício de classe média no chamado centro expandido. Em Altamira, não. (...) A realidade entrava literalmente pela porta.<sup>62</sup>

---

fernanda-torres-diz-que-o-branco-libertario-esta-perdido.html> Acesso em: 01 fev. 2025.

<sup>61</sup> *Ibid.*

<sup>62</sup> BRUM, *op. cit.*, p. 211.

A obra “*A cidade partida*”<sup>63</sup> do jornalista Zuenir Ventura, ganhador do Prêmio Jabuti, de 1995, na categoria de Melhor Reportagem, no entanto, é uma referência, no contexto da cidade do Rio de Janeiro, do movimento do *intelectual branco progressista* de se deslocar de seu espaço de origem para retratar “o outro”, o estrangeiro do morro para o jornalista do asfalto, ainda que sob o céu da mesma cidade. O que Zuenir nos ensina, porém, é que não há um problema essencial no movimento de deslocar-se para o território alheio, desde que não se perca de vista o desafio de manter um fluxo de intercâmbio mútuo, que enalteça os conflitos das diferenças culturais, através de um registro crítico que não reduza a complexidade do outro e, principalmente, que não exclua o corpo e os conflitos do próprio jornalista, que circula em terreno desconhecido.

De outro modo, é comum vermos os jornais *tradicionais* abrirem uma sede em Londres, outra em Nova Iorque e assim por diante. Os enviados especiais consomem a cultura local, assimilam novos gestos e códigos culturais, com o objetivo de trazer o olhar estrangeiro para o público nacional. Entretanto, o enviado especial não pode se converter integralmente à nova cultura, sob pena de perder a habilidade de se comunicar com o território que deixou e que, efetivamente, é o que o acompanha. Idealmente, espera-se que o enviado especial seja atravessado pelo espaço estrangeiro e que compartilhe, com os seus, sua experiência como um ser representativo do grupo. Suas narrativas, suas conclusões, a forma como seleciona os dados e aborda a realidade deve ser reconhecível ao seu interlocutor, sem deixar de inserir novidades assimiláveis àqueles que acompanham, de longe, sua excursão. Algo como deixar a caverna para descrever, objetivamente, aos que ficaram, os corpos que formam as silhuetas no painel de sombras que entretém e amedrontam os enclausurados. Tudo é conduzido com o propósito de não gerar conflito entre o que está fora e os que estão dentro da caverna. Informações que podem produzir desestabilização nesta acomodação relacional não podem vir à tona, sob pena de pôr fim à experiência.

Assim é o modelo colonial de produção jornalística, baseado em uma velha epistemologia em que a territorialidade (que sempre foi e segue sendo uma questão

---

<sup>63</sup> VENTURA, Zuenir. **Cidade partida**. São Paulo, Companhia das Letras 1994.

primordial para o Jornalismo) está presa ao paradigma analógico anterior à queda do muro de Berlim e não ao digital, da *rede*. Neste modelo, atribui-se uma centralidade – que concentra poder – ao jornalista como intermediador cultural entre mundos distantes. Este é, definitivamente, um modelo de comunicação concebido em prol dos interesses de países e blocos que ainda alimentam hegemonias estáveis e engendram noções rígidas entre centro e periferia, em um mundo submetido a um processo de globalização forçada. Não é por acaso que os veículos de comunicação *tradicionais* da América do Sul, sobretudo os do Brasil, maior economia da região, empenham seus recursos em redações nos Estados Unidos e Europa e não em países fronteiriços ou do continente africano, onde estão as comunidades com quem mantém maior afinidade cultural. O que parece servir à construção de pontes de mão dupla, entre o Sul e o Norte Global, são, em verdade, caminhos de endurecimento de um estado de subordinação econômica e cultural do Sul, que assume, passivamente, neste ínterim, a régua do Norte para medir a si mesmo.

No contexto da nova epistemologia comunicacional que aqui sintetizo na noção de *rede*, o enviado especial não desaparece, mas tem seu lugar modificado. Se o *povo fala por si* intermediado pelas plataformas digitais, o jornalista também termina submetido à mesma ordem, ou seja, a de *falar por si*. Uma vez que o produto jornalístico é registrado/publicado na *rede* (espaço onde as fronteiras geográficas sofrem um processo de transmutação, adquirindo outras formas), o jornalista que vive no interior de Paraisópolis pode *falar por si*, da mesma forma que o do centro expandido da capital paulista também; o israelense a mesma coisa; o radicado na Ucrânia, idem. Um jornalista inscrito em um território de censura ditatorial pode – se conseguir escapar da morte ou da prisão – verter sua realidade em linguagem jornalística e publicar para todo o mundo através de um acesso à internet. Exemplo disso é a jornalista investigativa filipino-americana Maria Ressa<sup>64</sup>, ganhadora do Prêmio Nobel da Paz em 2021 pelo trabalho no portal de notícias Rappler, que enfrentou, nas Filipinas, o governo ditatorial de Rodrigo Duterte.

Fato é que, uma vez que o conteúdo jornalístico é distribuído neste espaço onde vigora uma dinâmica inédita de relação, torna-se parte de um emaranhado de

---

<sup>64</sup> G1. **Nobel da Paz 2021 vai para os jornalistas Maria Ressa e Dmitry Muratov por defesa da liberdade de expressão.** 08 out. 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/10/08/nobel-da-paz-2021-vai-para-maria-ressa-e-dmitry-muratov.ghtml>>. Acesso em: 01 fev. 2025.

publicações. Uma mescla impressionante de linguagens (publicitária, jurídica, científica, literária etc.) se misturam à jornalística, alimentam *feeds* cuja editoria eclética é bastante complexa e compõe um espaço que dá acesso a uma infinidade de relatos e dados brutos sobre a realidade. Com isso, se uma pessoa se interessa por Paraisópolis, por exemplo, pode ser muito mais interessante acompanhar um jornalista que vive lá do que aquele que sai do Centro da cidade de São Paulo para acompanhar, pontualmente e à distância, o desenrolar da história daquele território.

Se no final do último século o poder de revelar jornalisticamente a cidade partida do Rio de Janeiro – com abrangência – estava fortemente concentrado na autoridade de pessoas do perfil de Zuenir Ventura, no início do século XXI, Rene Silva<sup>65</sup>, criança preta, gay, moradora do Complexo do Alemão, fundou, dentro da escola pública em que estudava, aos 11 anos de idade, o jornal Voz das Comunidades. De sua casa, reportava não só a violência policial, mas também o comportamento, a música e a literatura. Silva já recebeu vários prêmios mundo afora *falando por si*, de forma direta, com o grupo importante de interlocutores que o acompanha, dentro e fora de sua comunidade. Ele não precisou que um *intellectual branco progressista* descrevesse sua comunidade e levasse sua mensagem adiante, nem de ser assimilado por uma grande redação tradicional do asfalto para fazer Jornalismo. Ele não precisou discutir com um editor-chefe soberbo e hierarquicamente superior para conseguir levar adiante uma pauta cujo interesse está centrado na população do morro.

Não raramente, nossa atenção é tomada por um perfil de rede social, blog ou site de um morador de determinado país ou território que manipula de maneira intuitiva uma linguagem jornalística que nos dá mais contexto que um enviado especial profissional, remunerado para colher informações em terras alheias. Não é difícil encontrar casos em que, no processo de compartilhamento bruto de informações online, a pessoa que antes era uma fonte do jornalista amadurece sua comunicação, angaria um grupo fiel de interlocutores e se converte em um exímio jornalista; passa a dominar a linguagem jornalística antes mesmo de se dar conta disso.

É por isso que o Jornalismo que resulta da experiência do sujeito letrado que sai dos grandes centros urbanos industrializados em busca de histórias pelo interior

---

<sup>65</sup> VOZ DAS COMUNIDADES. **Perfil**. Disponível em: <<https://vozascomunidades.com.br/perfil-rene-silva/>>. Acesso em: 01 fev. 2025.

do Brasil ou de uma América Latina *profunda*, como um caixeiro-viajante que não abandona a rigidez das definições dos conceitos que carrega nas próprias bagagens, caducou diante da lógica comunicacional contemporânea, imposta pelo advento da tecnologia.

Eliane Brum escreveu:

Aprendi como repórter que só podemos andar pelo mundo carregando nossas contradições. Tentar contorná-las em geral significa produzir mais apagamentos. Otávio das Chagas me ensinou que devo seguir com meu gesto de escrever, mas sem negar a violência desse gesto.<sup>66</sup>

Quando afirmo que caducou não quero dizer que essa dinâmica colonial não exista mais ou que não tem sido reproduzida com alguma insistência, mas que tem se fragilizado em meio a um mar de produtos mais ricos e pertinentes. O produto jornalístico resultante deste método colonial, afinal de contas, se torna menos qualificado diante de tantos outros materiais alinhados à nova epistemologia participativa e colaborativa da *rede*.

Por esta razão, os estudos em decolonialidade são o ponto inarredável para uma reflexão prático-teórica de um jornalismo baseado na América Latina, sob uma epistemologia de *rede*.

Para Walter D. Mignolo, decolonialidade é um conceito que surge dos corpos e das mentes do chamado terceiro mundo. Neste aspecto, Mignolo leva em conta o corpo que pensa, seu contexto e sua subjetividade, permeada por uma sensibilidade que se constrói coletivamente, através de um repertório histórico comum, para compreender o nascimento dessa manifestação política e acadêmica, que marca a história do pensamento.<sup>67</sup>

Nesse sentido, a decolonialidade surge como uma reflexão que não está focada exclusivamente na liberação formal da colônia pelo Estado imperial, mas na liberação das sensibilidades e dos conhecimentos destas sociedades que sobrevivem a um sem-fim de violências, que vão da apropriação massiva de terras, exploração massiva do trabalho, dispensabilidade da vida e genocídio a apropriação epistemológica, que

---

<sup>66</sup> BRUM, *op. cit.*, p. 89.

<sup>67</sup> MIGNOLO, *op. cit.*

impõe a matriz colonial como caminho para a compreensão do real.<sup>68</sup>

Descolonizar se torna, assim, uma pretensão de matriz latino-americana, que nos leva a pensar em um futuro de participação irrestrita na construção de uma memória que não seja dominada pela europeia. Isto é, que as memórias possam sofrer interferências. Em outras palavras, a medida em que a matriz colonial de poder colonizou nossas memórias, a descolonização começa por construir outro tipo de saber, de sensibilidade, de organização econômica.<sup>69</sup>

A descolonização, portanto, não poderia ser uma tarefa de Estado, mas um processo à cargo, nas palavras de Mignolo, de uma *sociedade política global emergente*<sup>70</sup>.

Ailton Krenak nos diz que

se o colonialismo nos causou um dano quase irreparável foi o de afirmar que somos todos iguais. Agora a gente vai ter que desmentir isso e evocar os mundos das cartografias afetivas, nas quais o rio pode escapar ao dano, a vida, à bala perdida, e a liberdade não seja só uma condição de aceitação do sujeito, mas uma experiência tão radical que nos leve além da ideia da finitude. Não vamos deixar de morrer ou qualquer coisa do gênero, vamos, antes, nos transfigurar, afinal a metamorfose é o nosso ambiente, assim como das folhas, das ramas e de tudo que existe.<sup>71</sup>

Observo que o mundo visto por lentes obsoletas, incapazes de reconhecer nosso pé cravado no futuro – que pode ser ancestral, como sugere Krenak<sup>72</sup> –, é o que resiste em *olhar o mundo e ver o que existe*, como no verso de Erasmo Carlos, em “*As canções que você fez pra mim*”, epígrafe do livro de Eugênio Bucci mencionado neste ensaio.<sup>73</sup>

Definitivamente, há de se enfrentar os pontos cegos e ousar a ver, enxergar e experimentar o que existe.

---

<sup>68</sup> *Ibid.*

<sup>69</sup> *Ibid.*

<sup>70</sup> MIGNOLO, *op. cit.*

<sup>71</sup> KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral**. São Paulo, Companhia das Letras, 2022, p. 42.

<sup>72</sup> *Ibid.*

<sup>73</sup> BUCCI, *op. cit.*, p. 1.

\* \* \*

No dia seguinte à publicação por SUMAÚMA das imagens de crianças, adultos e idosos Yanomami em estado grave de desnutrição, naquele janeiro de 2023, o presidente Lula voou para Boa Vista, capital de Roraima, acompanhado das ministras da Saúde e Povos Indígenas, Nisia Trindade e Sônia Guajajara, da presidenta da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai), Joenia Wapichana, do ministro da Justiça e Segurança Pública, Flávio Dino, do ministro do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome, Wellington Dias e do ministro de Direitos Humanos, Silvio Almeida. *“Eu vim pra cá pra dizer que nós vamos tratar os nossos indígenas como seres humanos, responsáveis por parte daquilo que nós somos”*, disse Lula aos jornalistas<sup>74</sup>, vestindo uma camisa branca e portando um adereço indígena sobre os ombros.

Nos anos anteriores, a gestão do extremista de direita Jair Bolsonaro (PL) havia diminuído o acompanhamento médico de crianças Yanomami quando metade delas já estava desnutrida.<sup>75</sup> Antes da posse de Lula e da tentativa de golpe do dia 8 de janeiro de 2024, um genocídio estava em curso e, naquele momento, transbordava em linguagem jornalística para todo o mundo.

Nas redes sociais, a crise humanitária do povo Yanomami era um assunto viralizado. A investigação jornalística publicada desde Altamira havia tomado a atenção não só do poder executivo em Brasília, mas da cidadania nacional e internacional. A comitiva que levava, além do presidente e sua esposa Rosângela, seis ministros de Estado, parecia deslocar o poder a um novo centro, cuja violência não podia mais ser evitada ou encoberta.

*SUMAÚMA, Jornalismo do Centro do Mundo*, cumpria sua profecia.

Quando afirmamos que faremos jornalismo a partir do centro do mundo, não estamos usando um truque de retórica. Só há chance de um futuro para as crianças que já nasceram se entendermos que o conceito hegemônico de centralidade está deslocado e precisa ser

---

<sup>74</sup> CANALGOV. **Presidente Lula acompanha situação do povo Yanomami em Boa Vista (RR)**. 21 jan. 2023. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CqJEtUpMwcc>> Acesso em: 01 fev. 2025.

<sup>75</sup> BEDINELLI, Talita. **Governo Bolsonaro diminuiu acompanhamento médico quando metade das crianças Yanomami estava desnutrida**. Diário de Guerra, 26 jan. 2023. Disponível em: <<https://sumauma.com/governo-bolsonaro-diminuiu-acompanhamento-medico-quando-metade-das-criancas-yanomami-estava-desnutrida/>>. Acesso em: 01 fev. 2025.

reposicionado. (...) Os centros mais essenciais de um mundo em colapso climático não são Washington ou Pequim, não são os bunkers do sistema financeiro, mas os enclaves de vida do qual depende a nossa sobrevivência, como os oceanos, as florestas tropicais, os vários biomas. É isso que mostra a melhor ciência e é isso que apontam os xamãs. E, como jornalistas, nosso lado é o da verdade.<sup>76</sup>

Baseada em uma epistemologia comunicacional e relacional de *rede*, SUMAÚMA foi capaz de, por meio do jornalismo, fortalecer – e reiterar – a descentralização do poder de suas zonas tradicionais e sinalizar a centralidade de uma territorialidade em crise humanitária que conecta todas as outras crises enfrentadas pelo nosso tempo. O território Yanomami como um enclave da vida é onde todos os efeitos desastrosos de nossas crises política, climática e civilizacional se encontram para indicar os caminhos de solução para todas elas.

---

<sup>76</sup> SUMAÚMA. *op. cit.*

## REFERÊNCIAS

BEDINELLI, Talita. **'Por que os garimpeiros comem as vaginas das mulheres Yanomami?'** SUMAÚMA, Altamira, 13 set. 2022. Disponível em: <<https://sumauma.com/por-que-os-garimpeiros-comem-as-vaginas-das-mulheres-yanomami/>> Acesso em: 01 fev. 2025.

BEDINELLI, Talita. **Governo Bolsonaro diminuiu acompanhamento médico quando metade das crianças Yanomami estava desnutrida.** Diário de Guerra, 26 jan. 2023. Disponível em: <<https://sumauma.com/governo-bolsonaro-diminuiu-acompanhamento-medico-quando-metade-das-criancas-yanomami-estava-desnutrida/>>. Acesso em: 01 fev. 2025.

BRUM, Eliane. **Banheiro òkòtó: Uma viagem à Amazônia Centro do Mundo.** São Paulo, Companhia das Letras, 2021.

BUCCI, Eugênio. **A superindústria do imaginário: como o capital transformou o olhar em trabalho e se apropriou de tudo que é visível.** Belo Horizonte, Autêntica, 2021.

CANALGOV. **Presidente Lula acompanha situação do povo Yanomami em Boa Vista (RR).** 21 jan. 2023. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CqJEtUpMwcc>> Acesso em: 01 fev. 2025.

CARVALHO, Aurora Tomazini; CARVALHO, Paulo de Barros. **Constructivismo Lógico-Semântico - Vol. I.** São Paulo, Editora Noeses, 2014.

DELUCA, Naná; PASSOS, Úrsula. **Regime heteronormativo e patriarcal vai colapsar com revolução em curso, diz Paul Preciado.** Folha de S. Paulo, Ilustríssima, 16 jan. 2021. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2021/01/regime-heteronormativo-e-patriarcal-vai-colapsar-com-revolucao-em-curso-diz-paul-preciado.shtml>> Acesso em: 01 fev. 2025.

FREIRE, Paulo. **Educação na cidade.** 2.ed. São Paulo, Cortez, 1995.

G1. **Após reunião, Lula caminha com governadores e ministros até o Supremo Tribunal Federal.** 09 jan. 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/01/09/apos-reuniao-lula-e-governadores-fazem-caminhada-simbolica-ao-stf.ghtml>> Acesso em: 01 fev. 2025.

G1. **Caso Miguel: como foi a morte do menino que caiu do 9º andar de prédio no Recife.** 05 jun. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pe/paranaguacu/noticia/2020/06/05/caso-miguel-como-foi-a>>

morte-do-menino-que-caiu-do-9o-andar-de-predio-no-recife.ghtml>. Acesso em: 01 fev. 2025.

**G1. Nobel da Paz 2021 vai para os jornalistas Maria Ressa e Dmitry Muratov por defesa da liberdade de expressão.** 08 out. 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/10/08/nobel-da-paz-2021-vai-para-maria-ressa-e-dmitry-muratov.ghtml>>. Acesso em: 01 fev. 2025.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade.** São Paulo, WMF Martins Fontes, 2017.

HUNTER, Mark Lee. **A Investigação a partir de histórias: um manual para jornalistas investigativos.** UNESCO Series on Journalism Education, 2011. Disponível em: <<https://www.unesco.org/pt/articles/investigacao-partir-de-historias>>. Acesso em: 01 fev. 2025.

JORNAL NACIONAL. **No 8 de janeiro, golpistas invadiram e depredaram as sedes dos Três Poderes em Brasília.** 08 jan. 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2024/01/08/no-8-de-janeiro-golpistas-invadiram-e-depredaram-as-sedes-dos-tres-poderes-em-brasilia.ghtml>>. Acesso em: 01 fev. 2025.

KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral.** São Paulo, Companhia das Letras, 2022.  
MACHADO, Ana Maria; BEDINELLI, Talita; BRUM, Eliane. **‘Não estamos conseguindo contar os corpos’.** SUMAÚMA, 20 jan. 2023. Diário de Guerra – Genocídio Yanomami. Disponível em: <<https://sumauma.com/nao-estamos-conseguindo-contar-os-corpos/>>. Acesso em: 01 fev. 2025.

MIGNOLO, Walter. **El concepto de (de)colonialidad y América Latina.** Disponível em: <<https://youtu.be/57ts9QsF9hA>> Acesso em: 01 fev. 2025.

MORAES, Fabiana. **A pauta é uma arma de combate: subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza,** Porto Alegre, Arquipelago editorial, 2022.

MOSÉ, Viviane. **A escola e os desafios contemporâneos.** Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2013.

PRECIADO, Paul B. **Eu sou o monstro que vos fala: relatório para uma academia de psicanalistas.** Rio de Janeiro, Zahar, 2022.

SODRÉ, Muniz. **A crise moral da notícia.** Observatório da Imprensa, 2012. Disponível em: <[https://www.observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/a\\_crise\\_moral\\_da\\_noticia/](https://www.observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/a_crise_moral_da_noticia/)>. Acesso em: 01 fev. 2025.

SUMAÚMA. **SUMAÚMA: jornalismo do centro do mundo.** 13 set. 2022. Manifesto. Disponível em: <<https://sumauma.com/quem-somos/>> Acesso em: 01 jan. 2025.

UOL. **Diferença de 2 milhões de votos: as eleições presidenciais mais apertadas**. 30 out. 2022. Disponível em:

<<https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/10/30/lula-x-bolsonaro-bate-dilma-x-aecio-e-tem-menor-diferenca-de-votos-compare.htm>> Acesso em: 01 fev. 2025.

UOL. **No Roda Viva, Fernanda Torres diz que “o branco libertário” está “perdido”**. 09 jan. 2024. Disponível em:

<[https://cultura.uol.com.br/entretenimento/noticias/2024/01/09/9042\\_no-roda-viva-fernanda-torres-diz-que-o-branco-libertario-esta-perdido.html](https://cultura.uol.com.br/entretenimento/noticias/2024/01/09/9042_no-roda-viva-fernanda-torres-diz-que-o-branco-libertario-esta-perdido.html)> Acesso em: 01 fev. 2025.

VASCONCELOS, Caê. **Miguel, menino negro e filho de empregada doméstica, morreu por negligência da patroa branca**. Ponte Jornalismo, 04 jun. 2020.

Disponível em: <<https://ponte.org/miguel-menino-negro-e-filho-de-empregada-domestica-morreu-por-negligencia-da-patroa-branca/>>. Acesso em: 01 fev. 2025.

VENTURA, Zuenir. **Cidade partida**. São Paulo, Companhia das Letras 1994.

VIANA, Natália. **O Vazamento: memórias do ano em que o WikiLeaks chacoalhou o mundo**, São Paulo, Fósforo, 2024.

VOZ DAS COMUNIDADES. **Perfil**. Disponível em:

<<https://vozascomunidades.com.br/perfil-rene-silva/>>. Acesso em: 01 fev. 2025.